

CARLOS FEDERICO BUONFIGLIO DOWLING

BESTIÁRIO

1^a Edição

JOÃO PESSOA – PB
Edição do Autor
2012

978-85-914556-1-4
NÚMERO DE ISBN

BESTIÁRIO

Roteiro de filme ficcional em longa-metragem

por **Carlos F. Buonfiglio Dowling**

TERCEIRO TRATAMENTO

. SINOPSE

ROSA, menina de nove anos, volta ao seu antigo bairro, sendo acolhida na casa de REMA, mãe de NINO, moleque de dez anos, amigo de Rosa. Nas tardes calorentas do bairro Nino e Rosa brincam de fazer um livro bestiário, onde colam e rabiscam num caderno de escola suas impressões sobre as pessoas e causos cotidianos. Contam do dia em que um circo chegou anunciando por primeira vez a presença de um Tigre, que revelou o medo ao bairro. Nino pergunta a Rosa como os dois seriam em alguns anos, depois de conhecerem o medo do tigre.

Os infantes Rosa e Nino tecem confabulações no caderno bestiário, inventam o devir de suas histórias, contam do dia em que MATEUS, gerente da modesta boca de fumo local, terá uma revelação e iniciará uma seita religiosa, convertendo-se em SEU CRENTE, e assim deixa PLÍNIO, irmão mais velho de Rosa, como gerente da bocada do bairro. Essa notícia desperta em TEO, irmão gêmeo de Plínio, a cobiça da volta para cobrar sua parte herdada no bairro. Nino e Rosa projetam adolescência em flerte cruel com as ganas de meninos. Nino conta que é filho bastardo de Seu Crente, e torna-se sócio da cobiça de seu grande amigo Teo no embate fratricida a porvir entre os gêmeos idênticos.

Teo e Plínio embatem-se em intensa refrega pelo controle do poder no bairro. A luta chama a atenção de Seu Crente e da turba de fiéis da sua igreja. A polícia prende Plínio seguindo pedido de Seu Crente, que exila Teo do bairro.

Seu Crente promete aos fiéis e a todo comunidade a conversão do sobrinho Plínio no próximo culto de sua igreja. Em visita a delegacia do menor, onde Plínio foi detido, Seu Crente propõem que ele passe a ser seu pastor de confiança para ajudá-lo com a igreja. Seu Crente descobre e faz raptar o caderno bestiário de Nino e Rosa, onde se impressiona com sua história contada em versão fantasiosa. Enquanto isso, Nino e Rosa visitam Teo exilado e planejam golpe na igreja de Seu Crente para juntar dinheiro e deixar de vez o bairro.

Seu Crente utiliza o livro bestiário escrito por Nino e Rosa em sua pregação durante o lotado culto de conversão de Plínio à sua igreja. Teo, Nino e Rosa são surpreendidos pelo livro usado no culto. Roubam o dinheiro do dízimo coletado e retomam o caderno bestiário, que fica roto e desmembrado. Plínio nota o furto em seu culto de conversão e persegue Nino, Rosa e Teo. Os irmãos gêmeos Teo e Plínio se matam defronte a igreja de Seu Crente, que decreta que o cadáver de Teo deve ficar insepulto como castigo, sem velamento e sem poder ser ao menos tocado por ninguém.

Nino e Rosa fogem. Logo Rosa e Nino voltam ao forçado jazigo de Teo, para recolher o corpo do falecido irmão, quando são surpreendidos por Seu Crente. Em luta com o pai, Nino fere-se mortalmente, Seu Crente fica em choque manchado com o sangue de seu filho bastardo. Rosa conduz Nino, junto com o corpo de Teo, para refugiarem-se no mercado de peixes do bairro.

Seu Crente inicia busca por Rosa, Nino e o corpo de Teo. Nino pede que Rosa o mate antes que sejam descobertos, Rosa não pode

fazê-lo, acaricia as chagas de Nino, desfolhando-o num TIGRE. Seu Crente e os fiéis invadem o mercado de pescados, de onde o Tigre escapa, fazendo todos correrem, causando pânico nas ruas. Rosa foge em direção oposta, deixando o bairro.

Nino e Rosa infantes se perguntam se a sua história a porvir teria de ser assim tão triste. Rosa conta que Nino é que inventa tudo tão triste assim, e que com o caderno bestiário repleto e remendado, era só contar a história de novo, num caderno em branco, limando as partes ruins e tristes.

.BESTIÁRIO.

Terceira Versão Dialogada

1. Exterior. Dia. Mercado.

O sol do começo do dia desponta num mercado de pescados sendo armado para início da jornada.

Em uma bancada escura é colocada uma manta alaranjada.

Um saco de gelo é aberto e despejado sobre a manta.

Uma enguia é postada sobre o gelo, um saco de carvão é colocado na beira da bancada enquanto o corpo da enguia desfere um último espasmo.

Um pequeno cardume de tainhas é posicionado sem muito cuidado no meio do gelo na banca.

O saco do carvão é aberto, duas peças do carvão são posicionadas na cabeceira da bancada, mais duas na beira inferior, e quatro peças são distribuídas em cada esquina da banca.

Uma gota rubra se equilibra e logo despenca da bancada. É uma mistura de sangue dos pescados sendo posicionados na banca e a água derretida do gelo, vertendo ao chão.

2. Interior. Dia. Cozinha.

Em uma terrina são triturados com um pilão alguns cravos da índia.

Um fio líquido branco e espesso cobre a terrina. Canela é polvilhada sobre o pequeno prato.

ROSA, uma infante de nove anos, olha seu rosto embaçado refletido no tênuo brilho do sol no arroz-com-leite servido na terrina. Uma mariposa pousa na borda da terrina.

Rosa colhe a mariposa pelas asas, molha suas patas e antenas no arroz doce.

3. Exterior. Dia. Mercado de pescados.

Uma gota âmbar, fruto da mistura do gelo derretido e as vísceras dos pescados, despенca da banca tocando o solo.

Três lulas são colocadas no meio da banca onde o gelo fresco abunda. Ao seu lado repousa um polvo grande.

Uma gota rubra despенca do gelo. Outra gota rubra cai da banca.

Uma gota âmbar, seguido de uma gota rubra, caí da bancada.

Uma bacia de camarões é despejada no gelo sobre a bancada.

4. Interior. Dia. Cozinha.

Rosa solta as asas da mariposa, que anda trôpega pela toalha amarela da mesinha, fazendo uma trilha com os resquícios do arroz-com-leite, numa turva e tênue caligrafia artrópode.

À medida que avança pela mesa a mariposa vai se livrando dos rastros úmidos de alimento que a prendem à superfície da mesa, até que voa lépida assim que livre do último resquício de arroz-doce.

Rosa olha com atenção serelepe uma linha de formigas que se forma logo atrás da mariposa, perseguindo o rastro doce deixado, com respingos de canela em pó.

5. Exterior. Dia. Mercado de pescados.

A banca está repleta de distintos pescados: uma frota de robalos, uma pequena lagosta, duas redes de caranguejos vivos, além da enguia, do cardume de tainhas, da lula e do polvo.

NINO, infante de dez anos, olha atento o polvo, toca um de seus tentáculos, levantando-o, experimenta a resistência de sua carne.

6. Interior. Dia. Quarto.

As formigas seguem em fila, sobem numa trouxa aberta para além do rastro deixado pela mariposa e o arroz-com-leite. UMA SENHORA acomoda dois potes na trouxa, um marrom repleto de goiabada cascão, e um alvo com nata. Com uma pequena colher a senhora espanta as formigas, desordenando a fila. Rosa olha ao fundo, atenta às formigas, insatisfeita com a fila desordenada.

OUTRA SENHORA adentra o quarto e pára baixo ao arco da porta, leva uma trouxa maior em uma mão, e um jaleco róseo em outra. As senhoras se falam baixinho, em cochichos. Rosa anda falando de costas até a trouxinha dos alimentos.

ROSA

Quase não me mandam esse ano para o verão na casa de tia Rema.

Rosa cata cinco formigas com a palma das mãos juntas, colocando-as dentro da trouxa.

ROSA

Comentam do tigre, um tanto perigoso.

7. Exterior. Dia. Mercado.

Nino recolhe um olho de pescados no chão, logo uma antena de caranguejo. Coloca-s num cesta de vime junto com outros pedaços de bichos marinhos.

ROSA (off)

Mas quando vejo as tias empacotando meus trapos, sei que vou.

Durmo com a lembrança de terror e delícia do calor do bairro.

Da bancada goteja uma água alaranjada, mistura de algas, vísceras e escamas de pescados.

8. Exterior. Dia. Rua.

As duas senhoras abrem a porta, dando passagem a Rosa que carrega a trouxinha de lanches recém preparada. Rosa pára baixo ao pórtico, uma das senhoras menciona colocar a outra trouxa maior em sua cabeça, Rosa desvencilha o pescoço, levando a outra trouxa com a mão livre.

Rosa anda lépida pela rua, equilibrando as trouxas com as ganas de voltar.

ROSA

Faz só seis meses que me mudei de lá, mas a falta parece de mais de ano.

Um ônibus velho pára no ponto no meio da rua, Rosa corre trôpega para alcançar o coletivo.

9. Interior. Dia. Ônibus coletivo.

Rosa acomoda a trouxa maior no chão do ônibus, UMA MULHER sentada faz menção de pegar a trouxa menor de suas mãos para ajudá-la durante o trajeto.

Rosa se equilibra no tubo de sustentação do coletivo, sorri e menciona com a cabeça e os ombros para a mulher que não precisa de ajuda.

ROSA

Nino peixe, Nino sapo, Nino mariposa.

10. Exterior. Dia. Rua.

Um carro de som transita por uma das ruas principais do bairro, sacoleja pelos buracos na rua.

CARRO DE SOM

É chegado o inenarrável circo mundial de Moscou. Nunca viram nada parecido nem inigualável.

O carro de som passa por dois meninos, que olham atentos um cartaz do circo, impresso em papel embrulho, colado no muro recém caiado do clube do bairro. Um deles é Nino que carrega a cesta de vime com restos de pescados recém coletados no mercado.

CARRO DE SOM

Este ano trazendo com orgulho e por primeira e última vez "Ivan o Temível", o maior domador de tigres albinos da Sibéria.

TEO, infante de dez anos, olha radiante para Nino.

TEO

Eu sempre quis um tigre!

11. **Exterior. Dia. Terreno baldio.**

Teo e Nino andam rodeando o circo sendo montado.

NINO

Mas oxé, Teo, esse circo não é o mesmo que veio no ano passado?

TEO

E tu já viu um tigre?

NINO

Se esse for de Moscou eu cegue. Nem as moscas
do Circo Escola de Mandacaru vêm num circo
peba desses. Ainda mais um tigre.

12. Interior. Dia. Picadeiro.

Teo e Nino cercam um senhor barrigudo sem camisa, que nota a
presença dos garotos do bairro.

TEO

E o tigre?

IVAN, dono cinquentão e bêbado do circo, além de falso domador de
tigres siberianos, olha mareado para uma jaula vazia, que leva a
placa "O leão não come gatos".

IVAN

Vocês têm irmãs? Diz que estou contratando
bailarinas para o meu número da balalaica.

NINO

Ô biscüi, ele ta falando do tigre.

IVAN

O tigre? Ah, o tigre. O tigre fugiu. Fugiu,
é, faz umas semanas. Três, acho.

Nino e Teo entreolham-se com pitada de desaponto. Viram-se rápidos, caminham abandonando Ivan, que cambaleia só.

IVAN

Pode espalhar que além de ser guria, tem só de não abrir a boca e pintar os pelos de loiro.

13. Exterior. Dia. Rua.

Teo anda enfezado e rápido, Nino o segue um pouco atrás. VÁRIOS MOLEQUES aproximam-se ansiosos logo que percebem que os amigos chegam, rodeiam os dois.

MOLEQUE VAREJEIRO

E o tigre, Nino?

Nino pára, é interrompido quando esboçava resposta.

TEO

O tigre fugiu. Fugiu nessa madrugada. O tigre ta solto na rua.

Nino prende o riso que desponta zombeteiro.

14. Exterior. Dia/Crepúsculo. Rua central.

DOIS MOLEQUES falam animados com um VENDEIRO.

O vendeiro fala sóbrio e cuidadoso com uma CABELEIREIRA que paga um tubo de acetona.

A cabeleireira fala exagerada para TRÊS CLIENTES impressionadas do salão, TRÊS FUNCIONÁRIAS cochicham sérias.

UMA MÃE puxa um BEBÊ que brincava na rua.

As portas das lojas e residências são cerradas bruscamente. O sol vai morrendo, enquanto desmontam o mercado de peixes vazio.

15. Exterior. Noite. Rua central.

A rua central do bairro está deserta, a lua nasce ao fundo. COSME e DAMIÃO despontam na rua, são dois homens com mais de cinqüenta anos, trajam roupa de mecânicos, levam rastreadores de metal vasculhando os recônditos da rua.

Um ônibus coletivo sobe a rua solitária, pára no ponto do meio da rua. Rosa desce do coletivo carregando sua trouxa, cruza por Cosme e Damião que seguem vasculhando a rua com os rastreadores de metal.

16. Interior. Noite. Sala de estar.

REMA, bem conservada do alto de seu crepúsculo balzaquiano, recebe em sua casa a sobrinha Rosa.

REMA

Pronto, Rosa, melhor dormir no quarto com Nino, não na sala. Com essa história do tigre, vai saber.

Nino entra em silêncio sorrateiro na sala, enquanto sua mãe recolhe a mala de Rosa. Nino e Rosa se entreolham, sorriem cúmplices. Rema suspende o passo, de costas para Nino. Não olha para ele.

REMA

Pra que tão caladinho, Nino? Visse quem chegou? Menina Rosa.

ROSA

Nino peixe, Nino sapo, Nino mariposa.

17. Interior. Noite. Quarto de Nino.

Nino passa as costas do antebraço para limpar a pequena mesa do quarto, faz cair no chão um jogo de pega-varetas incompleto, três dados e poucos refugos de figurinhas colecionáveis.

Rosa recolhe algumas varetas coloridas no chão, enquanto Nino pega cuidadoso um caderno escolar velho escondido atrás da estante do quarto. Coloca o caderno escolar no centro da mesa.

Rosa abre o caderno na última página escrita, no quarto final do caderno, logo passa as páginas voltando, detém-se em algumas colagens e anotações feitas anteriormente.

Nino absorto olha Rosa.

Rosa vai até suas pequenas bagagens na cama sem olhar para Nino. Desfaz o nó da menor trouxa, tira um casulo semi-aberto, e o põe na palma da mão. Uma mariposa morta repousa no casulo.

Nino abre o caderno na última página livre, Rosa tira a mariposa do casulo, abre suas asas sobre a página em branco, Nino circula as asas com um rabisco rubro de lápis de cera.

18. **Bestiário #1. Tela título e créditos iniciais do filme.**

A partir do rabisco tracejado por Nino em cera vermelha, o livro bestiário se abre animado.

ROSA

Nem era pra eu ter vindo esse ano, Sabia?

Nino passa as páginas do livro bestiário, apresentando os créditos animados iniciais do filme. Rosa volta e remexe as páginas onde os créditos estão desenhados, enquanto conversam.

NINO

Oxé, por quê?

ROSA

Falavam numa história de um tigre, fiquei
rindo por dentro, parece uma das invenções
que botamos no caderno. Mas por dentro só,
minhas tias enfiavam cara séria.

NINO

E é pra ter medo mesmo.

ROSA

De que?

NINO

Do tigre.

ROSA

História, so-mente, logo tu se fiando num nó
frouxinho desse.

NINO

Eu vi.

ROSA

O tigre?

NINO

Grande, ser tão, que sógota, bem laranja.

ROSA

Eita. Onde?

NINO

Nessa ruinha aqui mesmo, quase em frente do portão.

ROSA

Pára, Nino. Só diz verdade, tu sabe que eu sonho coisa ruim.

NINO

Oxé, Rosa. A um palmo de minha mão, não ouvisse minha mãe dizendo não? Olha o fiapo, um palmo só.

ROSA (chorosa)

Pára, Nino. Pára. Quem manda eu te dar tanto cabimento, sei que é mentira tua, mas dói pra dormir.

NINO

Calma. Foi Teo quem disse esse tigre, Rosa.

ROSA

Teo? Mentira da porra, meu irmão nem ia me dizer?

NINO

Tu não ta esse tempo fora? Teo nem ia ter tempo de contar tudo. Mas é semente, mentira boba. Boa só de rir.

ROSA

Tu tinha me jurado não dar susto. Agora só durmo amanhã cedo, quando raiar, tu não sabe?

NINO

Bora fazer um pedaço do caderno então, para dar sono.

ROSA

Vai, coiso safado, que se for bom o meio do começo sigo o fio, se for ruim é melhor ainda, que chama o sono antes do sol.

NINO

Como tu acha que a gente vai ser quando passarem os anos?

ROSA

 Tipo velho mesmo? Todo engelhado, com as
 pelinhas caindo.

NINO

 Não, Rosa, ta cá porra. Sei lá, mais perto.

 Como tua acha que o bairro vai ser daqui a
 uns anos, tu volta pra morar aqui?

ROSA

 Oxé, Nino! Quantos anos? Tu faz pergunta mole
 que nem pelanca, ai sem jeito pra responder.

NINO

 Tu é muito agoniada, afe Maria. Cinco,
 pronto. Não. Tu acha que eu faria um bigode
 grande nuns seis anos?

ROSA

 Eita que deu foi fiapo de sono.

19. Interior. Dia. Galpão abandonado.

NINO, agora um adolescente de dezesseis anos com os bigodes recém
crescendo, entra no galpão abandonado por uma brecha no portão
metálico, fazendo esforço.

ROSA (off)

Nino sapo, Nino mariposa, Nino peixe.

Nino está ofegante, caminha pelo galpão.

20. Interior. Dia. Boca do bairro.

MATEUS aparenta ter mais de quarenta anos e leva nomes tatuados porcamente por todo o dorso, nos braços e peito. Está apoiado num sofá, em transe pela televisão.

Seu sobrinho PLÍNIO conta umas poucas notas e aponta valores em um caderno de escola, com uma seriedade que destoa de seus dezesseis anos estampados na face.

A televisão velha e surrada desliga de repente, Mateus desperta do transe, olha para Plínio que segue compenetrado na contabilidade.

Mateus levanta vagaroso, rodeia Plínio que observa as notas.

Mateus vai até a televisão, pressiona o botão de ligar, a televisão não responde.

Mateus aperta o interruptor da luz na parede da sala, a luz acende, Mateus a pisca três vezes.

MATEUS

A TV não tem olhos para ver.

Plínio, não nota, sem olhos para ver?

Plínio nem olha ao tio Mateus, recontando as notas.

PLÍNIO

Tá falando de quê, meu tio?

MATEUS

De que é preciso fazer alguma coisa, agora.

Larga isso, Plínio.

Plínio olha receoso pela primeira vez para Mateus. Alguém bate palmas do lado de fora da casa. Plínio faz menção de ir para receber o visitante. Mateus fecha a porta, batendo-a com força e impedindo a passagem de Plínio, que pára assustado.

PLÍNIO

Que é isso, tio? Deve de ser Agenor, ou alguém mandado para trazer as cinqüenta.

MATEUS

Não nota, pirralho burro?! Isso ta com futuro a pique.

PLÍNIO

Tá dizendo o quê? Deixa passar que pode ser cliente teu, meu tio.

MATEUS

Tem cliente mais não, desse não. To fechando
a boca, guarda tudo, é para queimar, tudo.

PLÍNIO

Tá viajando geral, tio. Queima nada não,
deixo não.

Plínio abre uma gaveta na cômoda, põe a mão dentro e engatilha uma arma, sem tirá-la da gaveta. Mateus apalpa sua cintura, tira vagarosamente sua arma. Anda até Plínio com a arma em riste, Plínio olha tenso para o tio, empunha a arma dentro da gaveta, sem sacá-la. Quando o tio chega a um passo da cômoda de Plínio, este saca a arma da gaveta, apontando-a teso para o Tio, que vagarosamente posta a sua arma no meio da mesa de Plínio, quase se encostando à arma apontada em direção a sua testa.

MATEUS

Fica, pirralho. Tu não tem tutano para entender. É tão pouco que tu pode ficar. Mas cuida, só digo isso.

Mateus sai da sala. Plínio ainda segura a pistola, apontada ao vazio.

21. Bestiário #2. Mateus / Seu Crente.

Rosa e Nino infantes estão debruçados sobre o caderno bestiário, que manuseiam enquanto falam.

ROSA

E para que que tio Mateus deixa tudo, assim
do nada, pra Plínio?

NINO

Espera, deixa continuar, ora bola, que eu te
explico pra me confundir.

Na página central do caderno surge a figura animada de um cão, Nino escreve abaixo com lápis de cera "Mateus".

NINO

Mateus, primeiro apelido: da Boca. Fica um
monte de anos como o maioral do bairro, desde
que abriu o controle da boca de fumo.

Rosa cola uma foto 3x4 de Mateus no livro bestiário ao lado do cão. Nino desenha o corpo nu de Mateus sob a foto 3x4.

NINO

Reza a lenda que a cada morte que comete,
tatua o nome do infeliz no corpo.

ROSA

Oxe, pra que ele vai escrever no corpo
defunto?

NINO

Não, no corpo dele mesmo.

Rosa escreve nomes com a caligrafia tremida no corpo de Mateus, formando torpes tatuagens.

NINO

Já vi alguns nomes em seu peito, e perto do pulso, mas dizem as línguas que passam de vinte e cinco os nomes que leva em cima.

Rosa rabisca sobre os desenhos de Mateus os nomes de "João", "Tadeu", "André", "Bartolomeu", "Felipe", "Mateus", "Matias", "Paulo", "Pedro", "Simão", "Tiago", "Tomé". Enquanto Rosa termina de escrever os nomes, Nino desenha uma nova cabeça no cão, ao lado da primeira, e logo mais uma, desenhando um cão Cérbero. Rabisca cobrindo a legenda anterior que havia criado de Mateus, escreve abaixo "Crente".

NINO

Até que um dia teve uma visão grandona dessas enquanto via televisão, e daí veio o seu segundo apelido: Crente. Seu Crente passa a ser o maioral do bairro, como pastor da Igreja Mundial do Amor no Reino do Senhor.

Rosa vai rabiscando os nomes tatuados no corpo nu de Mateus Crente, cobrindo-os um a um.

22. Interior. Noite. Púlpito de igreja modesta.

Mateus veste um alinhado terno de escriturário, sem charme. É agora SEU CRENTE, e sua muito enquanto anda rondando o séquito que entra em sua paróquia.

ROSA (off)

O pastor sente pena dos nomes tatuados no corpo, e só anda todo coberto de roupa, faça chuva ou sol, granizo ou neve.

NINO (off)

Ta bom, basta, Rosa. Aqui sempre é verão.

ROSA (off)

Pshtt, espera, tu só quer contar sozinho é?

Dizem que não tira a roupa nem pra dormir,
como prova de fé superior.

Um ventilador barulhento nana o ambiente. Seu crente desvencilha-se para tirar o paletó, a camisa azul está toda abotoada, das mangas ao colarinho, apesar do suor em bicas.

NINO (off)

Contam tanto conto, vai saber em que
acreditar.

Seu Crente segura um dos fiéis de seu púlpito. O fiel é um senhor mais velho, que está ajoelhado e Seu Crente segura sua cabeça com força, apertando-a.

CRENTE

Te arrepende irmão, por duvidar da conversão,
irmão. Abandona os pensamentos ímpios e entra
todo na casa do Senhor, faz dela tua morada,
irmão. Sai, deixa este corpo que não é teu,
volta às trevas que te pertencem, pois eu vim
saído de lá ressurgido e sei do que digo,
conheço a escuridão da morada do cão.

23. Exterior. Dia. Rua central do bairro.

Nino e TEO, ambos adolescentes de dezesseis anos, andam em direções opostas da rua.

NINO (off)

O fato é que mais que ampliar a clientela,
Mateus virar Seu Crente despertou foi a
cobiça toda em meu velho amigo Teo.

Nino e Teo apertam as mãos, com código familiar.

TEO

Como ta pentelho Nino, num é que cresceu
ficando até menos frango?

NINO

Teo! Voltasse quando?

TEO

Quando soube que o prego de Mateus tinha
"mudado de vida".

Nino e Teo começam a andar na mesma direção.

NINO

Todo mundo ficou de cara. Nem acreditei.

TEO

É, mas aquele bicho não tem jeito, e tu bem sabe. Desculpa falar assim de teu pai, mas tem jeito não.

NINO

Tu sabe que não é meu pai. Só porque gozou dentro, não quer dizer que é pai, tu sabe disso.

TEO

E mais ainda quando soube que tinha deixado todo o movimento para Plínio. Isso ta certo não.

NINO

Como assim?

TEO

Eu tenho direito sobre aquilo, herança, coisa de sangue. O que é meu é dele, e vice em versa, né não? Ta no cartório.

NINO

Tu quer dizer que quer entrar na bocada?!
Acredito não, sai fora. Tem cartório que
entre não, ali não.

TEO

Sacou tudo. Tou dentro sim, tu vai ver. E tu
ta junto.

NINO

Ta dizendo o quê, meu irmão?

TEO

Que conto contigo, para dar uma força, tu que
saca toda a galera das quebradas do bairro e
tal.

NINO

Diga isso não, tô fora.

TEO

Tu não sempre disse que a gente tava junto,
mesmo morando longe? E agora que to de cima
aqui? Estamos juntos, como sempre, nunca
deixamos de estar.

NINO

Por que tu abandonou isso aqui?

TEO

Tu bem não sabe? Tudo aqui me fez partir.

Cosme e Damião despontam ao fundo, trajam a mesma roupa de mecânicos, levam os mesmos rastreadores de metal vasculhando os recônditos da rua, com seu som característico.

TEO

E esses dois, tão aqui desde que sai, eles ainda dão doces?

NINO

Nem lembrava mais dos doces.

TEO

E ai tio, rola um doce?

COSME

Psst. Silêncio.

Cosme passa um quebra-queixo para Damião sem tirar a vista da rua vasculhada, seguindo com olhos fixo os sinais captados pelo rastreador de metais. Damião dá o doce para Teo.

DAMIÃO

Senão tu não ouve.

Nino e Teo ficam em silêncio, entreolham-se e olham o quebra-queixo recém presenteado por Cosme e Damião.

NINO

Dia sim, dia também, não teve um dia em que
não buscaram nas ruas, sabem bem lá o que.

TEO

E tu não sabe não, Nino? Eles buscam minas,
desde antes que sai.

NINO

Minas?

TEO

É, terrestres, que explode, katapum. É tipo
profissão de fé, Nino, porrada.

Nino e Teo olham Cosme e Damião, que se afastam na rua
vasculhada.

24. Exterior/Interior. Dia. Salão de Rema.

O sol recém nascido ilumina a porta metálica corrediça do salão de manicure de Rema, que abre a porta de dentro, olha o sol e a rua vazia. Entra no salão e prepara os apetrechos de manicura para mais um dia de labuta. Tira as tesouras da tina onde estavam de molho, organiza as lixas de diversos formatos, tamanhos e cores, organiza os esmaltes e cremes hidratantes.

Seu Crente entra no salão sem pedir licença, Rema não o nota vestido com o indefectível paletó escuro e camisa social azul marinho abotoada nos punhos e gola.

SEU CRENTE

Regina Maria. Só agora entendo o teu nome.

Rema reconhece a voz, mas não se volta para olhar Seu Crente, que tira o paletó e o coloca sobre o respaldo da cadeira.

REMA

Tarde, meu filho, para me chamar assim. Meu nome é Rema desde faz muito já.

SEU CRENTE

Regina Maria. A mãe rainha, estava tudo já escrito, e só agora entendo. A gente perde o tempo, não é mesmo?

Seu Crente senta folgado na cadeira respaldar dos clientes e estende as mãos em direção a Rema, que as olha em silêncio antes de encará-lo.

SEU CRENTE

Não entende? Tão claro tudo.

REMA

Entendo o quê, Mateus? Que tu quer?

SEU CRENTE

Não sou mais Mateus.

Preciso manter a linha agora, mulher, que sou o pastor, e olha meus dedos, devem servir de exemplo de limpeza e aprumo.

Rema coleta resignada seus apetrechos de manicura e inicia a tratar as mãos de Seu Crente.

SEU CRENTE

Vem pro culto de hoje que tu entende melhor do que tou falando, de minha conversão que pode ser feita a tua. E aí lá tu vê a beleza que é, te guardo lugar na frente do púlpito, pra que não percas uma vírgula da minha fala.

Rema pára de cortar as cutículas de Mateus.

REMA

Tu sumiu de mim faz tanto tempo, e agora
quem porra pensa que é para chegar falando
assim, se achando o tal? Não passa de um
pastor arrependido de meia tigela.

Mateus aproxima as mãos a Rema em silêncio, ela volta a cortar suas unhas. Quando Rema roça o fim da palma esquerda de Mateus, afasta o punho da camisa deixando visível um traço de tatuagem, que lhe traz uma visagem em flash:

Visagem #1: Corta para: Mateus sentado num tamborete sem camisa, num quartinho cinzento e sujo. Um homem tatua o nome de Simão em seu pulso esquerdo.

Rema distancia as mãos de Seu Crente e se afasta assustada.

SEU CRENTE

O quê foi minha princesa?

Rema inspira fundo e retoma as unhas de Seu Crente. Quando toca sua mão esquerda, uma nova visagem em flashes reaparece-lhe em mente:

Visagem #2: Corta para: Mateus sussurra no ouvido de Simão amarrado em uma cadeira. Corta para: Simão desfalecido na cadeira caída.

Rema tomba mareada, recompõe-se olhando fixamente para Seu Crente, retira bruscamente o seu paletó do respaldo da cadeira, dirige-se à porta, estendendo o paletó em direção a Seu Crente.

REMA

Acabei com tua mão Mateus, sai e não volta.

Seu Crente aproxima-se e toma o paletó, tenta vesti-lo enquanto Rema o segura. Rema solta o paletó no chão.

Seu Crente abaixa-se para recolhê-lo, desvendando Nino adolescente a observá-los, ainda de pijama, recém desperto do sono. Ao levantar-se, Seu Crente tenta beijar Rema, que desvia o rosto de forma seca. Seu Crente não nota Nino.

SEU CRENTE

Não esquece do culto, santa, e nem da salvação, garanto a tua, começa as oito em ponto.

Seu Crente deixa o salão. Rema anda até Nino, que impávido olha para o vulto de Seu Crente andando pela rua.

REMA

Faz quanto que tá ai de pé?

Rema rodeia o filho, que não responde, olha ainda o vulto de Seu Pai bastardo Crente, que ao afastar-se, se desfaz, primeiro o paletó, revelando o seu torso nu tatuado, logo se esvai totalmente, transformado em areia, que cai e escorre pelos meios fios da rua. Rema senta-se e toma as mãos de Nino.

REMA

Eu tõ vendo coisas, Nino.

NINO

Oxê, como tu sabe? Foi Rosa que te mostrou o caderno, foi?

REMA

Que caderno?

NINO

Eu sempre vejo coisas, mãe. Coisa de quê?

REMA

Coisas, coisa feia.

NINO

Tá variando, é?

REMA

Não, sei que só eu vi. Me abraça.

Nino e Rema olham para a porta vazia do salão, o sol desponta com forças, levantando um mormaço na rua lá fora.

25. Exterior/Interior. Dia. Salão de Rema.

O sol desponta inclemente. Nino infante e Rema olham para a porta do salão, hipnotizados pelo mormaço que sobe da rua de paralelepípedos.

NINO

Como foi a primeira vez que visse meu pai?

REMA

Pára de conversa torpe, Nino. Teu pai sou eu.

NINO

Por que tu mente?

Rema treme. Olha por primeira vez nos olhos de Nino.

REMA

Minto não. Senti medo.

NINO

Medo de que?

Rema cala.

REMA

Medo. Só. Medo.

Nino cala.

NINO

De mim?

REMA

Como ia ter medo de um casulo tão bonito que
nem esse meu?

Rema abraça Nino e lhe faz cócegas. Riem juntos. Nino fala
enxugando as lágrimas de chorar de rir.

NINO

Eu sei que tivesse medo de mim.

Rosa infante recém desperta olha Nino e Rema abraçados
frente a porta do salão. Coça os olhos com a claridade que
entra pela porta da rua.

26. **Bestiário #3. As Linhas da Mão.**

Rosa infante toma um copo de leite ainda de pijama, enquanto abre uma página em branco do caderno bestiário. Uma gota do leite pinga no meio da página, Rosa toca-a com a ponta dos dedos. Enfia o outro dedo no copo, aumentando a mancha de leite no caderno. Nino infante entra no quarto.

NINO

Por que tu mostrou o caderno para mãe?

ROSA

Mostrei nada, tu ta doido, lele da cachola,
é?

NINO

Mostrou. Quem mais ia ser?

ROSA

Juro pela minha mãe morta.

Nino e Rosa se olham constrangidos, em silêncio. Nino pega um crayon carvão e circunda o charco de leite no caderno, fechando-o num quadrilátero.

NINO

E como ela podia saber, então?

ROSA

Tu não sabe que ela ta vendo coisa, Nino?

Os dois sorriem cúmplices.

ROSA

A partir desse dia, minha tia Rema fica
sabendo que pode adivinhar as coisas.

Com outro crayon vermelho marca a figura de um sete de paus na
borda do retângulo, desenhando uma carta do baralho. Do centro da
carta Rosa inicia outra linha amarela, que vai deixando a carta e
se desenha sozinha, singrando autônoma um rastro pelo caderno do
livro.

ROSA

Sem nem pedir nem querer. Mal sabia a
bichinha que a vista mágica ia era
atrapalhar que só seu trabalho de manicura
do bairro.

A linha deixa o livro e risca a mesa, desce pela perna da mesa,
risca o chão do quarto, sobe a parede e segue pela antena de TV,
aporta riscando a rua, passeia pelas quebradas do bairro, pelas
bancas de peixes e temperos. Até que a linha entra num casebre,

risca o chão da sala, sobe pela perna de uma mesa, passa pelo ombro de alguém sentado à mesa e segue até a palma esquerda de uma mão sem linhas. A linha que saíra da carta, segue até o centro da mão, que logo após fecha-se sobre a empunhadura de um revólver.

NINO (off)

Daí o que era pra ser uma benção, fica uma maldição para minha mãe, que obriga ela a prever o que não queria nem pensar.

Logo surge outra linha sobre a mão, seguida de sucessivas linhas, até que a mão fica repleta de linhas em movimento, formando um mapa viário.

Rosa interrompe a animação, jogando um dicionário sobre o caderno bestiário.

ROSA

Qui-ro-man-cia, Tia Zélia que soprou esse nome feio na aula de comunicação e expressão.

Tia Zélia gosta de se exibir falando nomes difíceis, às vezes digo que ela inventa, e ela sempre saca o dicionário, toda se achando. Viu que eu te disse que tinha outro jeito de chamar isso de cigana adivinha?

NINO

Chame minha mãe de cigana não.

ROSA

Oxe, que que tem?

Rosa começa a dançar, imitando uma cigana.

NINO

Que tu já vem avacalhando a historia. Bora voltar.

ROSA

Onde foi que paramos ontem, para dormir?

27. Exterior. Noite. Entrada do Clube Mandacaru.

ROSA INFANTE (off)

Não foi sonho. Não foi sonho.

Rosa adolescente conta algumas notas surradas e poucas moedas frente à porta de entrada do clube de baile. Está maquiada e bem penteada. Nino e Teo adolescentes a encontram. O som do clube faz-se ouvir, o baile está começando.

TEO

E ai, pirralha?! A Rosinha Tá no pique do
salão não?!

ROSA

Tu que nem deve lembrar mais como é que é se
dança aqui. A gente ficou quanto tempo fora?

NINO

Cinco anos e uns meses contadinhos.

Cosme e Damião, munidos do indefectível par de rastreadores de
minas terrestres com o tênuê zumbido característico da busca,
passam por entre Nino e Teo, seguem direto à porta da entrada
principal do clube.

PORTEIRO

E ai, seu Damião, tudo em cima?

DAMIÃO

Psss. Silêncio!

COSME

Senão tu não ouve.

VIGILANTE

Certo, certo, senhor Damião. Podem passar então. Vão com fé, que acham algo.

COSME

Psss. Silêncio.

O zunido dos rastreadores se funde com a música da pista de dança do clube.

28. Interior. Noite. Pista de baile.

Cosme e Damião seguem pista adentro, vasculhando cuidadosamente o piso do baile, buscam minas por entre as pernas que bailam. Logo atrás Nino, Teo e Rosa adentram no salão e se incorporam ao baile, que é comandado por um sound system que tem a frente um MC e um DJ.

A platéia dança animada, reconhecem as batidas que embalam a rima improvisada do MC.

MC CORIFEU

Eros, vitorioso na guerra, / Eros que te abates sobre bestas, / e nas suaves faces de jovem dormes,/ vagas sobre as ondas / e penetras em rebanhos campestres./ De ti

nenhum dos deuses escapa,/ nem um dos
efêmeros homens./ Quem tocas delira¹.

Nino e Rosa dançam no meio do salão. Teo aproxima-se galante de um grupo de três meninas que dançam na lateral da pista. Nino e Rosa dançam alegres trançando os corpos.

MC CORIFEU

Tu arrastas o coração dos justos à ruína./
Tu instigas a luta entre gente do mesmo sangue./ Vence o desejo que brilha nos olhos da virgem no leito,/ companheiro dos grandes estatutos que presidem o mundo./ Vitoriosa seduz a divina Afrodite ².

Cosme e Damião continuam procurando minas no chão do salão, posicionam cuidadosamente os rastreadores de metal entre as pernas trôpegas dos bailarinos.

Rosa puxa Nino para fora do salão.

29. Exterior. Noite. Pátio do Clube.

Rosa segue na frente de Nino puxando-o pela mão. Nino pára bruscamente, fazendo Rosa girar em sua direção.

Rosa beija Nino, que beija Rosa.

¹ "Antígona", Sófocles; Terceiro Estásimo, Estrofe 1.

Estudar e pesquisar adaptação para o linguajar hipfunkhop.

² "Antígona", Sófocles; Terceiro Estásimo, Antístrofe 2.

Estudar e pesquisar adaptação para o linguajar hipfunkhop.

30. Interior. Noite. Pista de baile.

Teo dança animado frente a duas meninas. Aproxima-se de CLARA, bem maquiada em seus quinze anos.

TEO

E ai, como que pego teu coração?

CLARA

Quer meu coração pra que, papa figo?

TEO

Virgem Maria, como é braba. Me conta teu nome para poder te acalmar o facho direitinho.

CLARA

Ta de onda, é? Ou então é problema de memória, deve ser o fumo que tu vende que ta acabando com a tua lembrança. Deixa de onda é dá um beijo logo, que nem macho.

Clara agarra Teo e lhe arranca um beijo na boca.

PLÍNIO, irmão gêmeo idêntico de Teo, aproxima-se e pára às suas costas, olha a nuca de Teo por um tempo, enquanto ele beija Clara.

PLÍNIO

Essa cachorrinha ai tem dono.

Plínio esbarra em Teo, derrubando-o. Clara olha surpresa para Plínio, e depois para Teo. Plínio só então se reconhece em seu irmão gêmeo.

CLARA

Plínio? Mas quem porra é esse refugo teu aqui.

TEO

Quanto tempo irmão. Quê que a bichinha me conta, além do bom gosto pras pequenas?

CLARA

Irmão? Como tu não me conta uma coisa dessas?

PLÍNIO

Cala, Clara. Segue teu rumo noutro canto que aqui tenho uns pontos para dar.

A amiga puxa Clara, que a segue atônita, adentrando a pista de dança. Teo levanta-se e olha fixamente para os olhos de Plínio, os

dois começam a fazer um trajeto circular, rodam medindo sua semelhança de irmãos gêmeos.

PLÍNIO

Ta fazendo o que aqui, buceta?

TEO

Vim pegar o que é meu, meu por direito.

PLÍNIO

Direito porra nenhuma. Se liga irmão, senão vai é na cara.

TEO

Tu não é o único dono daquela boca, vim ratear a parada, comigo e com Rosa.

PLÍNIO

Ratear o quê, bacurau?! Ta louco, doido de pedra mesmo?

TEO

É isso que tu ta ouvindo, vim pegar a minha parte nessa história.

PLÍNIO

Vai seu buceta, se se atrever chega amanhã
lá na boca pra tu ver o que tem de bom pra
tua tosse.

TEO

Tenho medo não, Plínio. Chego cedo.

Plínio afasta-se deixando o salão. Teo olha-o impávido no meio da pista de baile, onde continua a dança no auge da festa.

31. Interior. Noite. Quarto de Nino.

Nino adolescente abre a porta do quarto, liga a luz guiando a passagem de Rosa, que o segue segurando a sua mão. Rosa olha nos olhos de Nino enquanto desabotoa sua blusa. Nino anda de costas, surpreso pelos seios de Rosa.

NINO

Lembra do caderno que fazíamos quando éramos novinhos?

Rosa desabrocha o cinto de Nino, continua olhando-o com malícia aos olhos, Nino está nervoso, anda de costas enquanto Rosa avança.

ROSA

Claro que lembro, como ia me esquecer?

NINO

Deixa pegar para te mostrar então.

Rosa se abaixa ajoelhando-se, tira as calças de Nino.

ROSA

Vejo depois, agora quero ver outra coisa.

Nino continua andando até esbarrar na estante, tateia sem olhar buscando o caderno bestiário. Encontra-o e o põe na mão de Rosa, que soltava o elástico de sua cueca.

Rosa abre o caderno bestiário.

ROSA

Oxe, Nino, por que ta desse tamanho? Quando sai não tava grande assim não.

NINO

Nesses anos sozinho aqui não ia te esperar, fiz mais umas páginas, não tive outro jeito. Era como estar contigo, mesmo longe.

Rosa passa as páginas do bestiário, olhando-as absorta.

32. Interior. Dia. Salão de Rema.

EURÍDICE, que aparenta a mesa idade de Rema, apesar de vestida de maneira mais formal, entra no salão de manicura. Rema nota-a e calada abre espaço na cadeira de atendimento. Eurídice pousa a bíblia que leva na cesta de revistas antigas, senta e estende a mão direita para Rema, que começa a tratá-la em silêncio, assim continuando por um breve e tenso espaço de tempo.

EURÍDICE

O que Seu Crente quer agora de ti?

REMA

Veio dar trato nas mãos, coisa de pastor.

Com esmalte e tudo, quem diria.

EURÍDICE

E foi só isso mesmo, não disse mais nada?

Rema solta as mãos de Eurídice.

REMA

Eu não devo explicação pra mulherzinha de pastor nenhum. Pergunta pro teu homem, em sua igreja.

Eurídice estende a mão esquerda a Rema, que a toma, retomando o trato de suas unhas.

Visagem #3: Corta para: CHICO MENINO, filho de cerca de dezoito anos de Eurídice e Seu Crente, desfalecido sobre o asfalto, nu, esfolado e maquiado.

Rema Solta rapidamente a mão de Eurídice.

REMA

Teve notícias de teu filho?

EURÍDICE

Não assumo aquela coisa como filho. Ainda agora de traveca, era o que faltava a Deus uma coisa assim.

Rema recolhe e entrega a bíblia que Eurídice deixara sobre o cesto de revistas.

REMA

Acabei com tuas unhas. Vai-te embora.

EURÍDICE

Como assim, olha as cutículas.

REMA

Sem cutículas, senhora. Vai e olha por teu
filho.

Eurídice levanta-se e deixa secamente o salão de Rema.

33. Exterior. Dia. Rua frontal à boca de fumo.

Sol a pino. Teo chega, seguido por Nino e Rosa.

Plínio sai sem camisa de dentro da casa de um cômodo.

TEO

Então irmão? To aqui, vim pegar nossa parte,
só o que de direito. Disse que chegava cedo.

PLÍNIO

Ta é tarde pra tu, cabra. Tem nada de
direito sobre nada daqui não. Melhor sair
calado, que aí posso até deixar quieto.

Nino e Rosa observam atentos a tensa refrega.

Os irmãos gêmeos circulam medindo e demarcando espaço.

TEO

Vem cá seu mizera!

Os irmãos idênticos se atracam, caem abraçados levantando poeira e sangue.

Uma aglomeração vai se formando ao redor dos irmãos combatentes, a luta é equilibrada. Seu Crente abre caminho entre os espectadores, traz consigo um ségüito de crentes.

SEU CRENTE

Olhem para isso irmãos, com os olhos esbugalhados, pois é o mal se manifestando.

Sangue bebendo sangue, carne comendo carne, como falei no sermão da noite de ontem, "Se não atentares ao belzebu, ele roça a nuca e sangra com furor".

EURÍDICE

Oremos irmãos, louvemos o sangue para que vire mel.

Uma tênué cantoria é comandada por Eurídice.

Um carro de polícia chega ao fundo, soa a sirene, que se funde com o som do cântico dos fiéis. A modesta multidão abre espaço para passagem do veículo. Teo e Plínio seguem a luta sem levar a viatura em conta.

Dois agentes policiais saem da viatura e chistosos olham a peleja. Teo pega uma haste de ferro na sucata de um veículo accidentado, ao tempo em que Plínio levanta uma pesada pedra de cimento no chão.

Quando estão prestes a desferir os golpes, um disparo de advertência é dado por um dos policiais. Os irmãos param, abaixam as armas improvisadas, mas não deixam de se encarar, ofegantes e sangrando.

POLICIAL MANÉ

Para lá que tem polícia na área! Vamos deixando dessa pendenga agorinha.

POLICIAL JÉFERSON

Mas olha, Mané. Quem é que ta aprontando aqui tão alto.

POLICIAL MANÉ

Mas não são os filhos do delegado Ed, pobre desgraçado, e a suicidada Joca?

O policial Jéferson segura Teo pela gola da camisa.

POLICIAL JÉFERSON

Olha, não é que a mocinha voltou? Procurando o que por aqui? Bora dormir uns diazinhos na delegacia do menor, que as coisas se ajeitam pra tu.

SEU CRENTE

Mas o que fazem, servos da lei?! Não podem ser injustos deixando a metade culposa solta.

PLÍNIO

Que ta falando, Tio? Cala que é melhor. Deixa quieto que tô no comando.

SEU CRENTE

O menino aqui demonstra quanto necessita de lições da humildade penal.

PLÍNIO

Que merda é essa tio?!

O policial Mané aproxima-se e recolhe Plínio pelos braços, que segue surpreso sem resistir. Seu Crente aproxima-se de Teo.

SEU CRENTE

E devem deixar esse aqui fora disso, que foi o provocado.

POLICIAL MANÉ

Tem certeza do que fala, Seu Crente? Olha que a gente leva os dois facinho.

SEU CRENTE

Sei do que to falando. Deixa cá comigo que
despacho tudo na medida.

Plínio atônito é posto na viatura pelo policial Jéferson. A viatura segue rumo. Seu Crente passa a mão pelo ombro de Teo.

SEU CRENTE

Entende quanto me deve, né não pirralho?

TEO

Quê tu quer?

SEU CRENTE

Que não volte a por o pé por essas bandas,
nunca mais. Senão tu cai, ta entendendo? Cai
feio.

Seu Crente caminha pausadamente, volta a seus fiéis. Teo fica parado olhando-os partir. Nino e Rosa se aproximam de Teo.

34. Interior. Noite. Púlpito da Igreja.

Noite de pregação no púlpito de Seu Crente, que sua em bicas e veste o mesmo terno apertado. O público da igreja é numeroso, como nunca dantes visto.

SEU CRENTE

Provado está, irmãos meus, que presenciamos aqui em nossas fuças o que fora predito nas escrituras; os sobrinhos meus, que açoitam o sangue, que não o mesmo meu, são irmãos gêmeos na desgraça original do homem, assim sendo ao mesmo tempo o outro lado da moeda, a prova da necessidade da conversão.

A platéia responde animada.

SEU CRENTE

Prometo a todos vocês, irmãos, e peço que façam rodar a notícia no bairro, que desterro Teo dessas paragens; e mais importante, prometo trazer a conversão de meu sobrinho afilhado e adotado Plínio para a nossa Igreja. E para provar sua face sem volta, prometo-a para o próximo culto, sem falta, sem missa, sem vela e sem choro.

Outra aclamação seguida por cochichos pelos presentes.

SEU CRENTE

E para selar e fazer sagrado o ditame, peço
que os irmãos e irmãs presentes, ao invés de
ofertar o usual dízimo, esvaziem todo o
valor em moedas que trazem consigo. Abram e
esvaziam nessa mesa, frente à face do
senhor, suas carteiras, bolsos e bolsas com
todo o vil metal que aqui trouxeram.

Silêncio na platéia. Alguns fiéis olham ao chão, outros se
entreolham desconfiados.

SEU CRENTE

Eu noto uma estúpida falta de fé tomando
conta deste recinto, e isso é de gravidade
sem par. Sabem o que é isso? É um encosto
amarrando cada um de vocês nas cadeiras.
Sobe aqui Eurídice, pra eu mostrar pra eles,
sobe rápido.

Eurídice sobe no púlpito, Seu Crente a faz sentar numa cadeira.

SEU CRENTE

Tu é o encosto certo? E me agarra, e grunhe,
vai, vai.

Seu Crente senta no colo de Eurídice, que agarra sua cintura e grunhe guturalmente como pedido. Seu Crente se debate tentando deixar a cadeira.

SEU CRENTE

Isso são vocês. E esse é o encosto. Vão deixá-lo vitorioso, é o que pergunto agora, vão deixá-lo vencer a fé na sua Igreja Mundial do Amor no Reino do Senhor, hein? Hein?

Seu Crente levanta de supetão, derrubando a cadeira e Eurídice com ela.

SEU CRENTE

A salvação dessa comunidade depende da conversão imediata do irmão Plínio, e isso só acontece depois de provado o desapego de seus moradores.

Eurídice recompõe-se e começam a entoar o canto, os fiéis cantam enquanto, um por um, deixam os valores que levam sobre a mesa do púlpito frente a Seu Crente, que vistoria a total entrega dos valores pelos fiéis.

35. **Exterior. Noite. Rua frontal a casa de Nino.**

Nino e Rosa despedem-se de Teo.

TEO

Volto amanhã a noite, pra não dar na cara.

Venho a pé, pela mata do buraquinho. E bico fechado.

ROSA

Bora simbora, a gente vai contigo. Pra que ficar?

NINO

Cês têm direito sobre isso aqui, acho.

TEO

E a hora é agora. Tu bem não sabe? Fica de bobeira não. Volto logo mais.

NINO

Eu fico de olho aqui nas paradas.

Teo sai andando em passos largos. Volta-se.

TEO

Pensa em alguma coisa, Nino. Tu que tem mais
miolo, tipo num plano pra gente dar o bote.
Vou pensando daqui.

36. Interior. Noite. Pista de dança de Boate.

Chico Menino dança bêbado e travestido de mulher em uma boate vazia, um globo espelhado reflete a pouca luz, uma radiola de fichas engancha em um trecho de um bolero, e o repete em loop. Um homem VELHO GRISALHO e meio careca aproxima-se de Chico Menino, tenta agarrá-lo, Chico afasta o senhor. A música pára.

37. Exterior. Noite. Rua deserta.

Chico Menino anda trôpego pela rua deserta. Cruza com Teo, que esbarra nele, mas não o nota em seu passo apressado. Chico Menino olha-o afastar-se até desaparecer na escuridão.

Chico Menino anda até a beira de um viaduto, pára em sua borda, tira a roupa e a maquiagem, ficando nu. Olha para baixo e deixa cair-se. Morre de imediato com a queda. Sua imagem estatelado no chão é a mesma do flash antevisto por Rema, em sua leitura imprevista de manicure quiromante.

38. Interior. Noite. Quarto de Nino.

Rosa e Nino adolescentes estão deitados nus em sua cama.

ROSA INFANTE (off)

Nino Peixe, Nino Sapo, Nino Mariposa.

39. Interior. Noite. Quarto de Nino.

Nino e Rosa infantes estão debruçados sobre o caderno bestiário.

NINO

Eu não sei se gosto disso de ficar nu
contigo.

ROSA

Deixa de ser bocó, Nino. O amor é assim,
pelado, tu não vê nas novelas, sempre desse
jeito nu?

NINO

Mas acho que me sentiria feito um sapo se tu
me visse nu.

Rosa lhe sapeca um beijo na boca. Nino se levanta assustado.
Segura forte o caderno nas mãos.

NINO

Pronto, lascou, agora tu vai ficar é prenha.

40. Interior. Noite. Quarto de Nino.

Nino e Rosa adolescentes estão nus e abraçados na cama de Nino.

Rosa se levanta, pega um cigarro e o acende enquanto pega o caderno bestiário debaixo da cama, abre-o na parte mais nova, de autoria de Nino.

ROSA

Por que diabo inventasse isso de que eu fico grávida?

NINO

Sei lá Rosa, faz tempo, era ainda bem menino, nem lembro direito. Acho que era um jeito de me sentir um tanto em ti, nesse tempo que tu ficasse longe.

Rosa olha para o seu ventre nu, toca os seios.

ROSA

Não gosto nada disso de que tu me faça buchuda, com um barrigão assim estourado.

41. Interior. Noite. Quarto de Nino.

Nino e Rosa infantes estão no quarto de Nino. Rosa rodeia Nino com uma expressão safada, mordendo os beiços, fala com gosto.

ROSA

Até parece que eu ia bem emprender de um
girino, um projeto de sapo. Rara. Eu é que
te emprendo, te faço um filho no bucho.

Nino cala, pensativo.

NINO

Por que tu inventa um negócio tão impossível
desses? Às vezes te acho meio boba, quem já
viu um macho grávido?

Rosa dá uma volta risonha antes de falar.

ROSA

Tu que é meu bicho bobo, Nino. É só olhar
pro cavalo-marinho, aqui bem perto na costa,
junto com os peixes e o resto do sargão,
com os pescadores. É o macho, medroso que é,
quem leva o filho no bucho.

NINO

Nunca ouvi nem falar de coisa assim. Quem te
disse?

ROSA

Eu sei, porque vi num livro e a professora
contou. E nem livros ou professoras mentem,
né mais não?

Rosa abre o caderno bestiário em uma página em branco. Desenha com
um lápis de cera verde os contornos de um cavalo-marinho.

ROSA

Olha como é, meio assim como vi no livro,
com uma crina e um rabo, mas tudo de baixo
d'água. E o filho fica aqui, no teu ventre.

42. Interior. Noite. Quarto de Nino.

Nino e Rosa adolescentes estão nus no quarto de Nino. Nino segue
deitado na cama enquanto Rosa fecha o caderno bestiário na página
do cavalo-marinho, apaga o cigarro e se deita ao lado de Nino,
abraçando o seu ventre.

ROSA

Nino peixe, Nino cavalo-marinho.

NINO

Engraçado me chamar assim.

ROSA

Não gosta?

NINO

Não, gosto. Mas é que parecemos meio
pirralhos ainda.

ROSA

E desde quando tu deixou de ser, hein sapo?

Rosa beija Nino, que se desvencilha depois de uma respiração.

NINO

Vamos embora daqui, agora. Voado, feito
mariposa.

ROSA

Mas pra tu ia me levar?

NINO

Pra longe, bora morar noutro pico distante,
juntos. Não posso ter o menino aqui, nesse
bairro tão sujo de tudo. Eita, deu um enjôo,
embrulhou foi tudo dentro.

ROSA

Pra enjôo de bucho é pra levantar as pernas
e baixar os braços, diz uma das tias.

Tu bem sabe que não pode deixar isso aqui
assim. E fica falando só de boca pra fora,
não, de bucho pra fora, com que dinheiro a
gente faz isso?

NINO

Tou pensando, borboleta. Dinheiro não é o
problema, é casulo em mim.

ROSA

Que ta dizendo, ta pensando em que?

Nino cala Rosa com forte beijo, acariciam-se. Rosa beija o
peito de Nino, logo descendo até o seu ventre.

43. Interior. Noite. Delegacia Setorial do Menor Infrator.

Plínio olha a lua pelas grades no pátio da delegacia. Olha
impaciente o chão vazio, busca algo com a vista. UM GUARDA adentra
o pátio conduzindo Seu Crente e aponta para a localização de
Plínio. Seu Crente pára ao seu lado, Plínio nota sua presença, mas
não o olha no rosto.

PLÍNIO

Volta contentinho pra tua igreja, pois dizem
a boca miúda que não dura muito o teu reino.

SEU CRENTE

Fala com respeito da igreja, que é dela que
te venho propor.

PLÍNIO

E que porra eu tenho a ver com a tua igreja?

SEU CRENTE

Fala com respeito, seu coisa! Garanto a tua
saída daqui. E te asseguro vaga ao meu lado,
no comando da Igreja Mundial do Amor no
Reino do Senhor. Só tem de prometer uma
coisa, bem simples, escuta bem. Amanhã, as
oito noturnas, tem um culto, certo?

PLÍNIO

To te ouvindo.

SEU CRENTE

E só o que preciso é de tua presença lá.

PLÍNIO

Só isso?

SEU CRENTE

E da tua conversão à Igreja nesse mesmo culto.

PLÍNIO

E saio quando dessa joça aqui?

SEU CRENTE

Convertido sorrindo?

Plínio pausa, pensa. Logo acena positivamente com a cabeça.

SEU CRENTE

Nessa exata hora, tudo tratado já com o Major, meu camarada de faz tempo.

44. **Interior. Alvorada. Quarto de Nino.**

Rosa adolescente nua e acordada vela o sono de Nino, que dorme em seu colo. Rosa passa as páginas do caderno bestiário, toca algumas colagens. Nino abre os olhos, despertando subitamente.

ROSA

Não consigo dormir.

NINO

Dormiu nada?

ROSA

Nadinha.

NINO

Vi tudo feito um sonho quase agorinha.

ROSA

Tudo o que? Tu nunca lembra com o que sonha.

Sonhasse sonho bom ou ruim?

NINO

Sonhei dando tudo certinho, que a gente
pegava não só o de direito teu e de teu
irmão, mas também o que é meu de direito.

ROSA

Como assim?

NINO

Meu pai, ta forrando as caras de grana na
igreja dele sem assumir.

ROSA

E daí?

NINO

Ai é só pegar um daqueles apurados que os fiéis fazem por dia, de montinho em montinho deixam um bocado por culto, e depois é correr fora que estamos pagos.

ROSA

E ia fazer o que com o dinheiro?

NINO

Oxe, que pergunta. Correr vida nova fora desse bairro sujo.

ROSA

É mesmo, ladrão rouba ladrão, pode que dê certo. É quase uma pensão pro besourinho que nasce.

NINO

Só vai dar, já vi tudo, feito sonho zunindo. E o pirralho cresce fora dessa arena de caranguejo, com força de montaria que vai ser.

ROSA

Meu filho é que vai te cavalgar, visse?

NINO

Quando sair do bucho, levo ele aqui direto
na corcunda, e corremos meio mundo. Mas
primeiro bora fechar o culto.

Ouvem-se batidas numa porta de metal. Nino olha em direção à
janela, procura algo com a vista. O sol desponta manso.

ROSA

Que foi Nino?

NINO

Tu não ouviu? É cedo demais para que seja
cliente de mãe.

ROSA

Deve de ser impressão de ouvir, ou um
caminhão de lixo.

45. **Interior. Manhã. Salão de Rema.**

Batidas na porta corrida de metal do salão despertam Rema, que a
abre recompondo a camisola.

REMA

Mateus?

Crente. Que faz aqui dessa hora?

SEU CRENTE

Tinha de retocar as mãos, mulher. Hoje é dia de importância, culto dos grandes. Já deve ter de ouvido, Plínio se converte à congregação.

Seu Crente entra invadindo o salão, tira o paletó e coloca no respaldar da cadeira de manicura, logo sentando-se ai.

REMA

Mas, tuas unhas tão limpas, e ainda esmaltadas.

SEU CRENTE

Mas então, aproveito e junto o agrado de te lembrar do culto dessa noite, e a utilidade de saber de teu filho.

REMA

Meu filho?

SEU CRENTE

Pois não é?! Ele deve estar dormindo ainda.

REMA

E posso saber por que pela primeira vez tu
pergunta a respeito de teu filho?

SEU CRENTE

E já não era sem tempo, agora que sou outro,
mudado?

Nino entra no salão acompanhado por Rosa, vestem pouca roupa,
vestida de supetão pelo barulho no salão. Rosa traz consigo o
caderno bestiário.

NINO

Que ele faz aqui, mãe?

SEU CRENTE

Que bom te ver Menino.

NINO

Meu nome é Nino. Que tu ta fazendo aqui?

REMA

Diz que veio fazer as mãos.

Seu Crente levanta-se da cadeira de manicura, rodeia primeiro Nino, logo depois Rosa.

SEU CRENTE

E lembrar do culto, e da conversão.

Então, mas que bom que acordaram a tempo de ouvir meu chamado. Conto com a presença dos dois no culto desse domingo, valorizará a conversão, que é coisa imperdível, como devem já saber.

E que é isso que a minha santinha leva na mão, não seria uma bíblia?

Seu Crente rápido toma o caderno bestiário da mão de Rosa, que muito assustada olha para Nino. Seu Crente folheia o bestiário velozmente.

ROSA

Me devolve isso, tu não pode mexer não.

SEU CRENTE

Foram os dois cabritinhos que fizeram esses desenhos? Mas coisa boa que vem sem hora marcada, precisamos de alguém que faça um jornalzinho da nossa congregação, que tal?

Já começam trabalhando em nossa igreja, logo
depois da conversão.

Nino alcança velozmente o caderno bestiário que está nas mãos de Seu Crente. Disputam o caderno breves instantes, Nino o toma logo, quando Seu Crente solta o caderno.

NINO

E fica bem longe disso.

SEU CRENTE

Vi umas figurinhas boas ai, posso até usar
nos cultos dessa semana. Se a Vossa
Excelênciia permitir, é claro.

NINO

Tu tá é atrás de Teo, saquei tudo seu velho
escroto.

SEU CRENTE

Nada disso. Ele foi embora, como combinado,
digo que sei, pois ele tem o temor na face.
Olha que te garanto uns serviços lá na graça
da Igreja.

Nino puxa Rosa para fora do salão. Seu Crente senta e estende a mão para Rema, que reluta uns instantes. Logo toma a mão de Seu Crente e apalpa suas unhas, depois roça na sua palma da mão.

Visagem #4: Corta para: Tela vermelha. Um olho abre no centro da tela, rodeado de sangue. Corta para: Uma grande pedra cai sobre a câmera, escurecendo a tela.

Rema afasta-se de sobressalto.

REMA

Levanta daí. Levanta que não faço mais tuas mãos. E te digo, não prega o culto desse domingo.

SEU CRENTE

Que ta dizendo, mulher? Zombando de mim nas barbas do profeta do Senhor?

REMA

É só o que posso te dizer. Agora vai embora.

Seu Crente levanta, colhe o paletó que deixara sobre a cadeira respaldar e segue em direção à porta.

SEU CRENTE

Sigo te esperando, teu assento está
reservado na frente do púlpito, sem falta,
domingo.

46. Exterior. Manhã. Rua.

Nino e Rosa adolescentes caminham apressados pelas ruas do bairro.
Sobem num ônibus coletivo.

47. Interior. Manhã. Igreja.

Seu Crente fala baixo com o ISABEL, o vigia de sua igreja, um homem de trinta e cinco anos. Gesticula informando o tamanho aproximado e a forma de um caderno, e gesticula indicando forma de entrar em algum lugar saltando.

48. Exterior. Manhã. Mercado Central.

Teo aguarda sentado numa barraca de caldo de cana. Rosa e Nino descem num ponto de ônibus e aproximam-se. Rosa abraça-o.

ROSA

Dormiu onde?

TEO

Na casa de um chegado.

ROSA

Nino pensou tudo já.

TEO

Como assim tudo?

NINO

A gente pega a grana de Seu Crente quando
for na conversão de Plínio. Minha parte e a
tua parte, de direito, tudo certo.

TEO

Que dinheiro, a grana da boca?

ROSA

Nada, essa já foi. A grana que teu tio faz
os fiéis darem. É mais, visse, que a da
boca.

TEO

E quanto é? E como vai ser isso?

NINO

Dá pra gente se forrar na boa, Teo.

TEO

Pode crer. Deve dar uma grana. Mas e
depois?

ROSA

A gente salta fora, porra.

TEO

É, ai posso até montar outro negócio desses
num outro pico.

NINO

Que negócio, outra boca?

TEO

Deixa pra lá, pensei alto, depois vemos
isso, bora é voltar pra agilizar esse
movimento.

49. Exterior. Dia. Rua frontal ao salão de Rema.

Isael, o vigia da igreja que ouviu as recomendações de Seu Crente, aponta indicando a entrada do salão para SAUL, homem barbado que aparenta ter cinqüenta e cinco anos. Isael bate palmas chamando entrada no salão e logo se esconde de lado. Rema atende o chamado, Saul levanta as suas mãos, Rema o faz entrar no salão.

50. Interior. Dia. Salão de Rema.

Rema acomoda Saul em sua cadeira de manicura. Olha as mãos marcadas e calejadas de Saul. Rema reclina-se para pegar os produtos de tratamento de seu ofício.

51. Exterior. Dia. Muro do salão de Rema.

Isael apóia-se e sobe no muro, saltando para dentro do pequeno salão de Rema.

52. Interior. Dia. Quarto de Nino.

Isael força a janela, quebrando o trinco, entra no quarto de Nino. Olha vasculhando com a vista, logo tateia rapidamente as roupas e pertences de Nino. Levanta a cama e encontra o caderno bestiário de Nino e Rosa. Pega o caderno sem olhá-lo, sai de novo pela janela, tentando recompor o trinco roto.

53. Interior. Dia. Salão de Rema.

Rema trata das mãos marcadas de Saul, que adormeceu no meio do tratamento.

Visagem #5: Corta para: Saul adormecido só na cadeira respaldar do salão de Rema.

Rema desperta do transe de sua visão quando ouve o barulho de alguém saltando o muro externo de sua casa/salão, levanta-se para olhar, deixando Saul adormecido na cadeira respaldar, exatamente

como antevera na visagem provocada pela leitura manicura de mãos de Saul.

54. Bestiário #4. O Bestiário Apócrifo.

Seu Crente manuseia o caderno bestiário feito por Nino e Rosa. Depara-se descuidado e surpreso com as imagens animadas que encontra. Começa olhando o último desenho feito, um galo quadrúpede e coroado, de cor amarela, com asas escamosas e rabo de serpente. Seu Crente rasga seus contornos, desfazendo os traços do desenho.

SEU CRENTE

Nunca botei, literalmente, nenhuma fé nessa
besteira de pirralho.

Logo Seu Crente depara-se com o desenho de um corpo retorcido de víbora de duas cabeças, uma em cada extremidade do corpo. Seu Crente destroça a página, partindo-a em duas, e misturando com um pedaço do desenho anterior.

SEU CRENTE

E não é que se acham pequenos deuses os bostas, inventando de falar do bairro e sua gente, tão humilde, pobrezinha e mesquinha, botando um monte de pompa e fanfarrice onde só tem farrapo.

Seu Crente chega à página do Cavalo-marinho como desenhado por Rosa.

SEU CRENTE

É coisa de menina isso de botar tantos floreios na hora de contar os causos. Coisa de menina buchuda.

Seu Crente chega finalmente à página onde a sua transformação em pastor bravio foi desenhada por Nino e Rosa.

SEU CRENTE

As tatuagens são minhas por força do tempo, uns dias errados e passados, mas nem matei tanta gente assim. "Os doze apóstolos escritos no peito...", tão é fazendo gracinhas com a minha manada.

Vão é ver só o oco.

Seu Crente arranca a página inteira do caderno bestiário que o descreve. Faz assim um rearranjo desmontando as páginas, cria um novo ser bricolado, mescla de um galo amarelo quadrúpede com uma serpente de duas cabeças e um Cavalo Marinho, que se debate em confusão.

Seu Crente fecha o caderno com força abrupta.

55. Interior. Noite. Igreja em culto.

Seu Crente, na porta central da igreja, recebe e observa os fiéis, orientando a sua entrada. Leva baixo ao braço o caderno bestiário de Nino e Rosa, com folhas soltas, começando a ficar desmanchado. Passa um casal de fiéis vistosos, que entram para o culto da igreja recém fundada, Seu Crente arranca uma folha ao léu do caderno bestiário e a distribui aos dois servos.

SEU CRENTE

Atentem, pois que é um prenúncio do culto primordial de essa noite. Reparem bem, sem medo, o que temos de cauterizar na nossa comunidade, as imagens do pecado original, que tem de ser todas rotas, desfeitas.

56. Exterior. Noite. Rua frontal a igreja.

Teo, Nino e Rosa chegam andando pelas sombras projetadas pelos muros da rua. Observam da sombra de um poste os fiéis entrando na igreja para o culto.

ROSA

Mas vem cá, como Plínio saiu tão rápido da delega?

NINO

No bairro não se fala de outra coisa que da conversão de Plínio. Vai encher muito isso ainda.

TEO

E depois, então? Melhor o apurado. Bora fazer assim agora: tu Rosa, fica aqui fora de tocaia.

ROSA

Ah, não. Quero entrar nessa história ai. Vou perder o bailado, é?

NINO

É, e eu é que tenho que pegar a caixa com o dinheiro.

TEO

Como assim?

NINO

Eu sou o de direito nesse caso. É meu pai, troncho, mas meu. Eu pego o dinheiro.

TEO

Tu ta é viajando, irmãozinho Nino. Eu to
proibido de dar as caras nessas bandas. E
se eu puxar a cena, chamo atenção, vai dar
a perder. E fui eu que comecei com isso de
tomar conta disso aqui, não vem botando
bocão agora não.

57. Interior. Noite. Igreja em culto.

Seu Crente no púlpito observa compenetrado por alguns instantes a movimentação de chegada e os cochichos dos fiéis.

SEU CRENTE

Hoje é importante dia de júbilo para a
nossa congregação, irmãos, e isso se
reflete nos seus olhos e faces e mãos.
Levantem-se para a presença do enviado da
conversão.

Plínio veste um traje engomado de batismo, sem jeito surge atrás
de seu tio no púlpito.

Rosa surge de relance na porta, observa a cerimônia. Eurídice
surge embaixo do púlpito, empunha um saco com poucas notas de
dinheiro de baixo valor. Começa a atirá-las em Seu Crente.

EURÍDICE

É a louvação, louvação do Senhor nas alturas e prova dos dias agourados que ficam pra trás.

Os demais fiéis seguem o exemplo de Eurídice e começam a jogar cédulas de dinheiro sobre Seu Crente, Plínio as recolhe humildemente e as coloca numa bandeja.

SEU CRENTE

Isso que vêm, irmãos, e que fazem fazer, é a FÉ em estado puro, bruto. Oremos forte e alto, para que os céus nos ouçam e os anjos testemunhem a salvação da alma de cada um que me salpica e alveja com o sacro metal.
Eurídice, me passa o livro.

Eurídice passa o caderno bestiário para Seu Crente. Plínio continua recolhendo as notas que seguem sendo arremessadas pelos fiéis.

SEU CRENTE

E temos uma surpresa nessa nossa celebração tão importante que é a do nossa noite tão louvada de hoje. Uma revelação, A iconoclastia, meus irmãos. Olham para esses

desenhos e rabiscos, proferidos por capetas tentados pelo satanás de botas. E que vão se converter hoje também.

Cochichos na audiência. A vasilha vai ficando cheia de notas de baixo valor, e é logo recolhida por Eurídice, que deixa uma nova bandeja vazia para Plínio seguir com a coleta. Seu Crente manuseia o caderno enquanto fala.

SEU CRENTE

Sim, isso mesmo que estão ouvindo, o mal está provado e cuspido nessas imagens degredadas, e a conversão de Plínio abre também uma nova era das conversões de nossa jovem comunidade. Olhem quem chega para provar que a conversão é total e irremediável.

Nino assoma-se ao lado de Rosa na porta. Entram receosos na sala do culto, com exclamações da audiência.

NINO

Como porra ele tem o nosso caderno, Rosa?
Fudeu. Vou pegar ele, nem que dê a porra.

Fica bem ligada ao sinal de Teo. Aí chegamos perto.

58. Exterior. Noite. Muro traseiro da igreja.

Teo mede a distância, pula e sobe no muro apoiando-se num poste de luz. Pula entrando com agilidade felina no terreno da igreja.

59. Interior. Noite. Templo em culto.

Plínio olha resignado as notas de dinheiro em duas bandejas no chão. Os fiéis não jogam mais notas, pois cantam animados, seguindo a regência de Seu Crente. Eurídice recolhe as bandejas de dinheiro e leva-as para as coxias laterais do púlpito. Teo passa pela porta posicionada detrás do palco e acena para Nino e Rosa, que se entreolham.

ROSA

Vai porra, é agora.

Nino hesita alguns segundos. Logo começa a debater-se, gritando em convulsões. A cantoria cessa, os olhos da audiência centram atentos a Nino em possessão.

NINO

To aqui pai Zulu. Me converte e me salve.

Rosa conduz o possesso, chorando rezas inventadas. Plínio arregala os olhos, surpreso com a cena roubada pela possessão de Nino.

SEU CRENTE

Olha ai meu filho, é tua hora de assumir o culto e mostrar o valor de tua presença.

PLÍNIO

Como assim? Faço o que?

Seu Crente passa o caderno bestiário para Plínio.

SEU CRENTE

É a hora de tu tirar o capeta desse corpo possuído. Perfeito, isso ta é perfeito.

Plínio respira fundo e toma o centro do púlpito. Usa o caderno como escudo.

PLÍNIO

Sai desse corpo, arremedo de capeta, que não é teu. Sai, sai, sai.

Plínio aproxima-se de Nino em convulsão, toma sua cabeça, aproxima-o de seu ombro, cochicha ao seu ouvido.

PLÍNIO

Que porra tu pensa que ta fazendo? Fica
quietinho e manso, ta ouvindo?!

Nino responde cochichando também com a voz despossuída.

NINO

Me dá o caderno agora. Pastorzinho de merda
que tu é.

Nino volta a grunhir a voz em transe de possessão, agarra o caderno bestiário, puxa-o com força para seu peito. Plínio solta o caderno, abraça Nino com força, e morde seu pescoço.

Teo observa a cena escondido nos bastidores do púlpito. A platéia está exultante com a despossessão em curso, prova máxima da conversão de Plínio.

Teo nota que as coxias do fundo do púlpito estão desatendidas e corre até lá, ensaca a blusa e começa a colocar no peito, dentro da camisa, as notas que repousam soltas no par de bacias. Logo usa as meias e bolsos como recipiente para o dinheiro.

Eurídice aproxima-se das bacias, Teo esconde-se atrás da grossa cortina que rodeia o púlpito. Eurídice gesticula afobada pra Seu Crente, levanta e aponta para as duas bacias vazias.

SEU CRENTE

Ninguém, em nome do meu caro Senhor, se
atreva a deixar esse salão.

Seu Crente faz um tenso e silencioso rodeio pela sala.

A platéia observa-o temerosa.

Nino e Plínio largam-se e observam ofegantes ao lado. Nino guarda o caderno na bermuda, ensaca a camisa cobrindo o caderno.

SEU CRENTE

Judas pousou entre nós, irmãos, logo nesse dia de jubilo e salvação, querendo condenar todos os presentes à imundice eterna. Mas isso é uma prova mandada, uma prova final, de que o arrependimento é possível e sem volta. É só devolver o dinheiro que foi pego, e como Cristo beija a face do bom ladrão, nossa igreja perdoará o escárnio, confinando-o ao perdão. É só deixar o dinheiro na mesa, na frente de todos os irmãos, prova de fé superior.

A tensão instala-se na audiência, que troca entreolhares e cochichos. Um dos presentes anda até a mesa e deixa um bolo surrado de notas.

FIEL

Perdoa meu pai, perdoa meu filho!

É prontamente seguido por outro fiel que deixa duas notas sobre a mesa, logo por uma senhora com um punhado de moedas.

SEU CRENTE

Eis a prova da salvação! Oremos! Para que voltem as notas todas ao seu canto, que é o nosso pranto de oração.

Os fiéis presentes entram em transe de conversão. Teo sai sorrateiro pelos fundos da igreja.

Nino e Rosa vêm sua saída e dirigem-se para a porta da igreja. Plínio segue-os nervoso.

60. Exterior. Noite. Rua frontal a igreja.

Nino e Rosa correm em direção a Teo. Plínio segue-os de perto, andando veloz pelas sombras da rua.

NINO

E ai, ta de cima?

TEO

Tudo aqui, irmãozinho.

PLÍNIO

Tão pensando o que, que vão sair assim tão fininho?

Teo e Plínio olham-se por instantes. Logo se atacam, começando feroz embate, ambos rápidos e com agilidade extrema. Nino aparta a luta segurando Plínio e Rosa puxando Teo.

TEO

Me solta. Deixa mostrar pra esse porra!

NINO

Deixa ele, Teo. Vamos nessa, sai corrido.

ROSA

E o dinheiro?

PLÍNIO

O dinheiro é meu!

NINO

Deixa quieto, é só sair fora.

Plínio se solta de Nino e ataca Teo, tombando juntos no chão. Teo levanta rápido, pulando sobre Plínio, os dois rodam no chão, Plínio pega uma pedra grossa da construção da ampliação da igreja,

logo é seguido por Teo, que pega um pedaço similar de concreto, os dois se armam e se golpeiam na têmpora ao mesmo e preciso tempo.

61. **Bestiário #5. A Anfisbena.**

Nino e Rosa infantes estão debruçados sobre o caderno bestiário no quarto de Nino. O caderno está descomposto, com páginas soltas, rotas e perdendo a encadernação. No caderno, Plínio e Teo adolescentes caem desenhados desfalecidos, um para cada lado, mortos em simetria.

NINO

Teo tem quase certeza que nasceu três minutos antes que Plínio.

No caderno bestiário, a imagem de Plínio desvanece transformando-se em areia. Nino escreve a palavra areia sobre o monte tracejado que surge no caderno. Depois retorna algumas páginas do caderno bestiário, chegando à brigolagem descomposta feita no bestiário apócrifo por Seu Crente. Colhe um pedaço da cobra de duas cabeças, retorna à pagina anterior onde escrevia, põe a figura da serpente no meio da página, e logo começa a tracejar com o mesmo lápis de cera amarelo uma cobra continuando o desenho feito anteriormente. Redesenha a cobra Anfisbena, com o corpo de víbora retorcido e duas cabeças, uma em cada extremidade do corpo. Nino desenha a imagem da cabeça de Teo numa das extremidades da Anfisbena.

NINO

Parece que Plínio nunca aceitou ser o mais novo dos idênticos.

Nino desenha a cabeça de Plínio na extremidade oposta da víbora Anfisbena, idêntica ao desenho de Teo.

ROSA

Como se tivesse diferença no bucho.

NINO

Desde a nascença confundiram um com outro o arrepio que traziam debaixo do couro.

A cobra Anfisbena animada levanta armadas para bote cada uma das duas cabeças dos irmãos gêmeos, em lados simetricamente opostos.

NINO

Mordendo o rabo de cada, num soluço sem começo nem fim, os irmãos acabam com a história serpente. Triste assim, semente.

A cobra Anfisbena rodopia, mordendo a cabeça-cauda-cabeça, até desaparecer consumindo-se. A página do caderno bestiário fica em branco.

ROSA

Oxé, gosto não. Assim acaba Teo e Plínio de uma vez. Meus irmãos brigam que só, ta certo, mas assim deu a porra.

NINO

É porque são refugo, Rosa.

ROSA

E que que tem?

NINO

É coisa de irmão colado isso, se comem feito faltasse papa.

ROSA

Tu nem sabe nada de nada de irmão, Nino.

Tu nunca tivesse um que seja.

NINO

E só pode contar do que tem, é?

ROSA

Nem sei se é de ter, Nino. Mas tu fica meio com a cabeça troncha quando quer dizer com tanta certeza o que nem é teu.

NINO

Se fosse esperar ter para só assim dizer, ia
contar só do meu umbigo.

ROSA

É ta bom de tamanho né? Teu umbigo chega
salta.

NINO

Por isso que conto nó, só por isso que conto
nó.

ROSA

Frouxo.

Meio, todo não. Laço frouxinho, de mariposa.

NINO

E tu já parou pra pensar como uma bicha
solta feito borboleta faz casulo?

Rosa passa e amarra com uma fita amarela no lombo do caderno
bestiário, para evitar que se desmonte.

ROSA

É só laço, Nino. Tu sabe, laço certo. Quase que perdemos o caderno nessa nossa invencionice. Temos de atentar mais.

62. Exterior. Noite. Rua frontal a igreja.

O corpo de Teo jaz tombado próximo ao meio-fio da rua. Nino e Rosa adolescentes choram os irmãos mortos. Nino puxa um fio de seda da cabeça de Teo, Rosa puxa outro fio dos pés de Plínio, encontram-se no ventre de Teo, trocam os fios. Nino envolve os pés de Teo com os fios de seda, enquanto Rosa envolve a cabeça de Teo com os fios.

Seu Crente aproxima-se com ruído de canto, Nino e Rosa recolhem os fios à sombra, se escondem e olham os gêmeos defuntos. Seu Crente chega seguido por uma turba de fiéis.

SEU CRENTE

A desgraça é ao mesmo tempo a prova do fim ao cabo que se faz ver aos nossos olhos. A alma do convertido Plínio nos deixa tentando, em vão, salvar a do irmão possuído Teo.

Rafael e Mizaél, recolham o corpo de Plínio. Ele é o único que merece o louvor em velório e os ritos de enterro do Senhor.

RAFAEL e MIZAEL, dois jovens fiéis, saem da turba dos demais fiéis, dirigem-se para recolher o corpo de Plínio. Debruçam-se sobre os dois corpos gêmeos e inicialmente não conseguem diferenciar os dois irmãos.

Eurídice se aproxima, fala ao pé do ouvido de Seu Crente.

EURÍDICE

Mas o rabecão só passa amanhã no fim da tarde, ou na terça, não pode deixar o corpo ai.

SEU CRENTE

E todos, todos ouçam bem, Teo tem de ficar sem sepultura, ninguém vai velar, fica aqui mesmo nesse mesmo ponto, feito comida pra urubus e cachorros. Ninguém pode tocar nesse corpo possuído, quem desobedecer a ordem estará maldito, com a alma podre por todos os dias prostrados.

Nino segura Rosa pelos ombros, impedindo-a de ir buscar o corpo de Teo.

NINO

Pára Rosa, pára. Tu tem de sair daqui, depois voltamos por Teo.

ROSA

Ele não fica ai não.

Nino agarra Rosa por trás.

NINO

Psht, calma.

Rafael e Mizaél carregam o corpo de Plínio, levam-no carregado pelas pernas e braços. Passam em frente a Seu Crente, a pequena turba de fies está em silêncio. Seu Crente toca e unge a testa de Plínio, beijando logo os dedos. Assim que Rafael e Mizaél se afastam, caminhando em direção à igreja, o corpo de Plínio desfaz-se em areia.

SEU CRENTE

Plínio já ascendeu aos arcanjos do fim dos tempos.

Rafael e Mizaél continuam caminhando, entram de mãos vazias na igreja. Seu Crente se aproxima de BALTAZAR, ABDAÃO e CASIMIRO, três fiéis que roçam os cinqüenta anos.

SEU CRENTE

Vocês três cuidam para que ninguém mexa ou se aproxime do corpo. Dia vermelho e dourado esse pro nosso bairro. Nada mais será igual, nossa congregação sai ungida com toda a força dessa luta, agouro são.

Seu Crente faz menção de deixar o local, voltando em direção à igreja.

NINO

Mateus! Volta aqui e olha na minha cara, que nem tu nunca fez.

Seu Crente pára o passo, mas não retorna, ficando de costas para Nino.

NINO

Olha, olha pra mim, porra. Tem medo de que?

SEU CRENTE

Irmãos, o que ouvem agora é o pio do farrapo da voz do pecado do Belzebu. Mas não ouçam, para deixar o espírito limpo e livre para as portas do Além.

NINO

Pai, olha pra mim!

SEU CRENTE

Cantemos agora, juntos e forte.

Eurídice puxa rapidamente um canto, os fiéis alvorocados seguem o coro. Rosa puxa Nino pela mão, fogem. Ao passar pelo corpo de Teo, Rosa se aproxima de seu rosto, vê a ponta de uma nota de um real que sai da gola de sua camisa. Nino e Rosa afastam-se rápidos.

63. **Bestiário #6. O Basilisco.**

Nino e Rosa infantes olham para a página em branco, onde a anfisbena desaparecera em sua seqüência anterior, comendo-se o rabo-cabeça. O caderno está aberto quase na última página, roto e descomposto, com as páginas sustentadas pelo remendo feito por Rosa em sua encadernação com uma fita amarela de seda. Rosa volta as páginas do caderno, revendo velozmente as colagens e desenhos feitos anteriormente. Pára incomodada quando encontra algumas folhas rasgadas, recompõe o bestiário.

ROSA

Onde começa a história de verdade, Nino?

NINO

Acho que o problema são os pais que deixam
de herança o agouro para os filhos. Vê bem o
meu, a peste de danado que é.

Rosa chega à página inicial do livro, que está em branco. Nino
desenha um galo negro, logo desenha um ovo pequeno abaixo do galo.

NINO

Delegado Ed. Acho que a maldição dos teus
irmãos, Rosa, começa na nascença dele.

A casca do ovo rompe. Dele sai um galo quadrúpede e coroado, de
cor amarela, com asas escamosas e rabo de serpente.

ROSA

Oxé, e por que?

NINO

O pequeno reinado dele desmorona quando de
órfão adotivo passa a ser o delegado do
bairro, e daí mata sem saber o pai
verdadeiro.

ROSA

Deixa de conversa, Nino.

NINO

Ainda por cima, descobre que casou com a mãe, e faz mais três ovos para levar em frente a maldição.

A imagem animada do Basilisco desenhada por Nino, recebe olhos que Rosa desenha sobre todo o corpo do animal.

NINO

Ed não suporta uma tragédia tão grande, e fura os olhos, e deixa cego o bairro, que antes controlava. Sai andando sem destino, e deixa o descontrole nas mãos de seus filhos, que se explodem.

ROSA

Oxe, Nino, tu ta falando de meu pai como se fosse aquele bicho que minha tia inventa para assustar eu e meus irmãos quando traquinamos muito. Basilisco, pronto lembrei, o nome do bicho quer se dizer pequeno rei. Mas é uma crendice boba de dar medo em pirralho, nem assusta mais.

Os olhos desenhados por Rosa sobre o corpo do Basilisco vão murchando um a um.

NINO

Pois então, o Basilisco nasce dum ovo que foi botado por um galo negro de sete anos, e do ovo nasce um galo-dragão, que mata qualquer pessoa só com olhar. Furar os olhos é Ed tentando a toa quebrar a maldição dos teus irmãos, Rosa.

ROSA

Pra falar de tua mãe, tu fica todo com coisinhas, chorando. Ai pra falar do teu Pai, tome um bicho danado de forte. Ai pega o meu pai pra Basilisco, muito engraçadinho tu é, Nino.

Rosa rabisca fortemente com um lápis de cera preto, cobrindo os desenhos anteriores feitos por Nino. Avança rapidamente as páginas do caderno.

NINO

Que foi, Rosa?

Uma página se solta, voando para fora do caderno bestiário.

ROSA

Bora voltar pra onde estava antes, primeiro tu mata meus irmãos e agora quer cegar o meu pai. Ta bom basta, só tu que pode tudo.

64. Interior. Noite. Galpão abandonado.

Nino adolescente força a porta de metal do galpão, Rosa adolescente passa pela fresta que surge, e de dentro segura a porta para que Nino entre. Abraçam-se chorosos.

ROSA

Eles tão mortos, Nino. Não posso deixar Teo ali daquele jeito. Vou enterrar ele.

NINO

Eles acabaram misturados, não dava nem pra ver qual era o corpo de um ou do outro. Bora embora, já deu merda demais.

ROSA

Não vou deixar Teo daquele jeito, carniça pra urubu.

O dinheiro ta no corpo dele.

NINO

O do culto? É mesmo, nem tinha me ligado. O dinheiro ta com Teo. Seu Crente não viu, senão tinha era velado o corpo premiado na igrejinha dela. E olha como o puto deixou o caderno.

Nino menciona pegar o caderno que guarda na cintura.

ROSA

Porra de caderno, Nino. Meus irmãos se mataram pelo dinheiro, e agora ta com ele, morto. Como tu fala de um caderno?

Nino detém a mão, deixa o caderno quieto.

NINO

A gente foge com o dinheiro.

ROSA

Eu vou enterrar meu irmão.

NINO

Saímos fora com o corpo dele, e enterramos
como de direito. E as notas vem junto, que
são tão minhas e tuas como são dele.

ROSA

É o fim de minha família, parece escrito.

NINO

A gente faz família em outro canto, Rosa.
Com o que botasse em meu bucho, começamos
rumo novo.

65. Exterior. Alvorada. Jazigo de Teo insepulto.

Baltazar, Abdaão e Casimiro, os três fiéis vigilantes, olham
sonolentos o corpo de Teo insepulto. Nino aproxima-se coberto por
uma sombra, ouve-os cuidando silencio. Eles não o vêem.

BALTAZAR

Por que porra a gente não pega e cai fora?

Baltazar leva em mãos uma garrafa de cerveja sem rótulo.

ABDAÃO

Tu é doido, Baltazar?! Não ouviu as
palavras de Seu Mateus, não?

CASIMIRO

Que Mateus?

BALTAZAR

É o nome dele, da época da Boca. Depois é que virou Seu Crente.

CASIMIRO

Mas melhor não dar bobeira, não. A gente tá salvo agora, Seu Crente deu garantia.

BALTAZAR

Sei nada não, dessas garantias.

CASIMIRO

E será que ele viu o dinheiro no corpo que maldisse?

BALTAZAR

E tu acha?! Ele ia era primeiro sacar as notas, depois botava a maldição de que ninguém podia tocar no corpo.

ABDAÃO

Eita, então podemos ter sido os escolhidos
pra achar esse dinheiro.

CASIMIRO

Tipo uma prova, né? Provamos valer a
confiança de Seu Crente, da Igreja, do
próprio Senhor.

BALTAZAR

E o que ele faz com todo o dinheiro que
pega nos cultos, joga pro santo é?

Baltazar joga um pouco da aguardente que leva na garrafa no chão.
Rosa aproxima-se, Nino detém-na na sombra, de onde ficam
espreitando escondidos.

ABDAÃO

Não pergunta coisa dessas, Baltazar. Ta com
falta de fé, é?

CASIMIRO

Eu nunca pensei nisso. É mesmo, a grana
toda vai pra onde?

BALTAZAR

Essa porra, vou pegar o dinheiro e sair
fora.

ABDAÃO

Pára, Baltazar. É ordem. E larga essa
garrafa de cachaça, nem podia ficar
bebendo.

Abdaão tenta tirar a garrafa de Baltazar, que segura a garrafa com
força. Os dois se agarram disputando luta. Casimiro observa o
embate assustado. Baltazar e Abdaão caem deitados sobre o corpo de
Teo.

CASIMIRO

Eita, lascou. Todo os dois tocaram no
corpo.

ABDAÃO

Me ajuda a levantar.

CASIMIRO

Sai de perto, que vai passar a maldita pra
mim. Tem é de chamar Seu Crente.

Casimiro afasta-se veloz em direção à igreja.

BALTAZAR

Vai pra onde o fresco?

ABDAÃO

Eu vou com ele, vou contar tudo, assim me
tiram a maldição que não é minha, mas é
tua, só tua.

Abdaão levanta-se e corre atrás de Casimiro. Baltazar recolhe a garrafa tombada, e ainda sentado sorve um gole de aguardente. Ao levantar-se tomba embriagado. Apóia-se no corpo de Teo para levantar-se, abaixa-se para olhar as notas de dinheiro guardadas em sua camisa, faz menção de pegá-las.

NINO

Deixa quieto, vai embora.

Nino saca um pequeno e afiado cutelo da bermuda. Exibe-o para Baltazar, enquanto rodeia o corpo. Baltazar olha-o ofuscado pelo sol que nasce forte. Levanta-se trôpego, ensaia uma investida contra Nino, que não esmorece, ao contrário, faz seu cutelo cortar o vento em ameaça.

BALTAZAR

Deve de ser o diacho da maldita mesmo, tu
aparecer feito um curupira assim do nada.

Baltazar passa trôpego por Nino, anda vagaroso em direção oposta a da igreja. Dá um último gole na aguardente, joga a garrafa vazia no chão.

BALTAZAR

Fica bem com essa morto ai, que vou é dormir. Amanhã tem outro culto e oferta outra.

66. Exterior. Manhã. Jazigo de Teo insepulto.

O sol desponta radiante no céu do bairro. Rosa segura o corpo de Teo, tenta em vão erguê-lo do chão.

Nino vai até a construção próxima, de ampliação da igreja, encontra um carrinho de mão. Rosa sofre tentando levantar o peso do corpo do irmão, quando Nino se aproxima com o carrinho.

NINO

Olha, aqui, com isso levamos ele certinho.

Rosa pega Teo pelas pernas, Nino pelos ombros, põem-no sobre o carrinho de mão.

Seu Crente sai da igreja, anda rápido acompanhado por Casimiro em direção ao corpo de Teo.

SEU CRENTE

Tão fazendo o que? Parem.

Rosa faz menção de correr empurrando o carrinho, Nino impede-a.

NINO

Espera, ele vai olhar na minha cara.

Nino saca o pequeno e afiado cutelo que estava preso no elástico da bermuda, junto ao seu ventre. Nino exibe o punhal para Seu Crente, que pára o passo. Observam-se por instantes, Nino se aproxima vagarosamente de Seu Crente parado. Medem-se ofegantes. Nino investe contra o peito do pai, que se livra. Seu Crente rodeia Nino, abre os braços mostrando o seu torso, tira o paletó. Nino se agacha e faz uma nova investida conta o pai, que se livra, jogando o paletó sobre Nino. Seu Crente anda confiante, rodeia Nino, que se livra do paletó, enquanto seu pai bastardo solta o nó de sua gravata apertada, olha fixa e fortemente para Nino, enquanto desabotoa os punhos da camisa. Nino faz uma nova investida contra Seu Crente, roça com o cutelo a barriga de Seu Crente, rasga a camisa a arranha o torso do pai, revelando dois nomes de Simão e Tomé porcamente tatuados em seu ventre. Seu Crente toca a ferida, verifica que não é profunda, limpa o sangue na manga da camisa, logo desabotoa o peito da camisa, tira a camisa, que joga em Nino, que o ataca num pulo com o cutelo em direção ao seu peito nu. Seu Crente se desvencilha do golpe,

golpeando as costas do filho bastardo. Ao cair, Nino crava a adaga em seu próprio abdômen.

Rosa observa a refrega junto ao cadáver do irmão no carrinho.

ROSA

Não, o que tu fez?

Nino olha a adaga cravada inteira em seu ventre, levanta a vista e cruza olhar com Seu Crente. O pai olha por primeira vez nos olhos de seu rebento ferido.

67. Interior. Noite. Quarto de Nino.

Nino e Rosa infantes estão debruçados sobre o caderno bestiário que fazem.

ROSA

Ta com a porra, Nino. Facada no abdômen?! Dá o pirralho para cá, boto o nenê no meu bucho assim.

NINO

Onde eu tinha botado desde o começo.

ROSA

Mas tu apela nas histórias, visse?

NINO

E tu, nunca apela não, até parece.

Rosa localiza a página em que desenhara o cavalo-marinho, a rasga fora do caderno, amassando-a.

ROSA

E agora, tchauzinho pro Cavalo-marinho.

68. Exterior. Manhã. Jazigo de Teo insepulto.

Nino adolescente olha a adaga cravada inteira em seu ventre, tira o cutelo do abdômen, o sangue jorra em suas mãos. A folha rasgada com a figura desenhada do cavalo-marinho do livro bestiário está no ventre de Nino, ao lado da chaga recém aberta, o sangue cobre o desenho.

Nino precipita-se sobre seu pai, abraçando-o com seu sangue vertido no ventre. Seu Crente tomba petrificado ao sorver o sangue do filho bastardo. Nino levanta-se trôpego, e corre cambaleante em direção a Rosa, que empurra com dificuldade o carrinho de mão com o corpo de Teo. Seu Crente fica imóvel, em choque com a ferida de Nino. Nino, Rosa e o carrinho com Teo insepulto se distanciam.

69. Interior. Dia. Mercado.

Rosa empurra o carrinho de mão levando o corpo de Teo. Nino segue-a, trôpego, com a mão no ventre sangrando. Nino e Rosa adentram no

mercado de peixes do bairro, que vai sendo montado vagarosamente, com o nascer do sol.

Nino pára frente a uma bancada escura coberta com uma manta alaranjada, onde repousa gelo em abundância, duas peças do carvão repousam na cabeceira da bancada, outras duas peças na beira inferior, e quatro peças de carvão repousam distribuídas em cada esquina da banca. A água pura e límpida do gelo derretido verte ao chão, formando um filete de água. Rosa se distancia alguns metros, conduz rápida o carrinho e o corpo do irmão.

Nino tira a mão do ventre, olha a palma de sua mão ensanguentada. Um pingo de seu sangue verte ao chão, misturando-se com a água que corre da bancada. Nino apóia a sua mão manchada de sangue no meio do gelo da bancada de peixes. Rosa pára o passo apressado à saída do mercado, respira ofegante sem olhar para trás.

Nino ergue a sua mão do gelo, deixando um rastro rubro que corre misturando-se com a água do gelo derretido que verte da bancada, logo enfia a outra mão na bancada, levantando-a segurando uma pedra de gelo. Rosa olha uma última vez para o corpo do irmão, volta-se e caminha em direção a Nino, afastando-se do corpo de Teo. Uma rajada de vento do mar enche o mercado de peixes. Uma nota de dinheiro se desprende da camisa do corpo de Teo falecido e voa levado ao mar pelo vento.

70. **Exterior. Dia. Rua do bairro.**

Seu Crente, acompanhado por um séquito de fiéis, segue o rastro de sangue deixado no chão por Nino. Abaixa-se quando localiza um

pequeno rastro de sangue, a nota de dinheiro trazida pelo vento
pousa sobre o sangue. Seu Crente toma a nota, olhando para a
direção de onde veio.

71. **Interior. Dia. Mercado.**

Nino tomba encostado na bancada, Rosa o segura, impedindo sua
colisão com o chão, o toma ao colo, consola-o sentada.

Murmúrios produzem-se ao longo, e vão gradativamente aumentando,
com a aproximação da turba de fieis e Seu Crente.

Nino ouve sereno a balbúrdia que se produz com a aproximação de
Seu Crente, beija Rosa na boca.

NINO

Me mata, Rosa.

Nino oferece o cutelo para Rosa.

NINO

Prefiro assim, que tu termine com essa
história. Confio em tu, nada naquelas bestas.

Rosa olha-o em silêncio, enquanto afaga as chagas de Nino.

ROSA

Tu sabe que não me pode pedir isso, por que
fala besteira, hein meu Nino?

Rosa toca o corpo de Nino, em toda sua extensão, com desejo terno, até que passa a folhear-lo, suas juntas vão transmutando-se em folhas, que começam a desfolhar-se de seu tronco, até que viram um turbilhão de folhas pulsando.

Nino transforma-se num Tigre ofegante, a que Rosa continua a acariciar.

Seu Crente localiza Rosa de costas, aproxima-se conduzindo a pequena turba que o acompanha. O Tigre levanta-se do colo de Rosa. Confronta os fiéis, rodeando-os vagarosamente. Os fiéis relutam em fuga, deixando o mercado e Seu Crente.

O Tigre rodeia vagaroso Seu Crente, deixando tênue rastro de sangue e letras esmaecendo em tinta nanquim. O Tigre induz e acompanha a fuga de Seu Crente, vigiando-o.

Rosa observa seu Tigre e Seu Crente deixarem o mercado.

72. **Exterior. Dia. Rua.**

Seu Crente deixa o mercado, vai aumentando o passo para fugir do Tigre. O Tigre vai gradativamente aumentando o galgar em direção a Seu Crente, até que este corre adentrando um beco. O Tigre passa direto, agora correndo pela rua vazia. Rosa sai do mercado, olha para o Tigre que se afasta.

73. Exterior. Dia. Rua do bairro.

O Tigre corre pelas ruas desertas do bairro. À medida que passa pelas casas, suas portas e portões são fechadas. O Tigre corre velozmente.

74. Exterior. Dia. Fachada do mercado.

Rosa sai do mercado, olha para o carrinho de mão vazio, com restos de areia. Rosa olha em direção ao Tigre, que se afasta ao longo. Rosa recolhe uma solitária página em branco que sai trazida pelo vento de dentro do mercado. Rosa olha a página branca.

ROSA

Sonho os bigodes de Nino. Nino peixe. Nino
sapo. Nino mariposa.

Rosa toca a areia do carrinho, colhe um punhado, solta-a novamente no carrinho, traçando uma linha de areia ao cair. Põe a outra mão sobre o seu ventre.

75. Exterior. Dia. Rua do bairro.

O Tigre correndo passa por Cosme e Damião, que continuam solitários sua busca por minas terrestres nas ruas desertas do bairro. Nino e Rosa infantes saem da porta da casa de Rema, sentam-se no meio-fio, com o caderno bestiário fechado.

NINO

Acho o final triste demais assim como ta.

ROSA

Eu juro que não te entendo, Nino. Tu que inventa as partes mais tristes, e no fim reclama. Tu acha que a gente vai crescer assim, feito canto triste?

NINO

Eita, três tristes tigres, isso, três tristes tigres tragam trigo no trigal. Haha, feito uma glosa.

ROSA

Mas tu é besta, visse. Não, sério que tu acha?

NINO

Plínio, Teo e eu. Os três tigres, tu vê?
Eita, gostei mais, agora. Podemos começar o novo caderno com essa glosa dos três tigres tristes.

Nino ruge para Rosa. Anda em quatro patas rondando Rosa. Cosme e Damião passam por eles rastreando a rua.

ROSA

Não, Nino. To falando sério.

E esses dois, que não param de catar nem a
pau. Ei, que que tu procura tanto?

COSME

Psss, silêncio.

DAMIÃO

Senão tu não ouve.

ROSA

Não ouve o que?

COSME

Psss. Não é sonho não.

Nino e Rosa se olham cúmplices, seguram o riso por alguns instantes, o tempo preciso de Cosme e Damião se distanciarem vasculhando a rua, com os indefesctíveis rastreadores de metais e seu zumbido característico. Nino e Rosa caem na gargalhada.

NINO

Graurr... como é que faz um tigre?

Nino senta novamente ao lado de Rosa.

76. Bestiário #7. Créditos finais do filme.

Nino sentado ao lado de Rosa, abre o caderno bestiário que Rosa leva no colo. Os créditos finais aparecem nos diversos desenhos e colagens, alguns deles vistos nas cenas anteriores da confecção do bestiário de Nino e Rosa.

NINO

Mas oxente, Rosa. Não é nossa a história? A gente faz como bem entender, ora.

ROSA

Nem sempre, meu filho. Acontecem coisas que podem que não sejam do jeitinho que a gente desenha. Tu bem sabe.

NINO

Hum, mas ai ta falando da vida mesmo, não de história.

ROSA

E a vida é feita de que, Nino? De histórias, sabidinho.

NINO

É, acho que é mesmo.

Tu acha que nossa história pode de ser assim
tão triste?

ROSA

Oh, é isso que estou te perguntando desde o
começo, bestinha.

NINO

Quero não, que seja assim desse jeitinho não.

ROSA

E tu tem que arranjar outro caderno, essa ta
velho e chegou na página final.

NINO

Tu também arranca folha que só.

ROSA

Arranco nada. Pensa assim, contamos o mesmo
conto que está nesse, mas tiramos as tuas
partes tão tristes no novo caderno.

NINO

Mas, pra que contar tudo de novo?

ROSA

Mas a gente muda o jeito, Nino, e bota um final feliz, que assim ta bobo e triste.

NINO

Por causa dos três tristes tigres, talvez?

ROSA

Vai que é, Nino.

NINO

Grauuuuuu...

Nino e Rosa infantes riem com a capenga imitação de tigre de Nino.

O som de suas risadas se funde com o som emitido pelos rastreadores de minas terrestres de Cosme e Damião.

Chega a última página do caderno bestiário, seguida de uma solitária página em branco. O som é apenas o do rastreador de minas terrestres, que nesse instante cessa.

Cosme e Damião desarmam uma mina terrestre em silêncio, embaixo da bancada escura coberta por uma manta alaranjada no mercado de pescados.

FIM